

MUNDO GRÁFICO

13
DEPÓSITO LEGAL
MAIO 1941

226



"Mulher
de
Estarreja"
quadro a óleo
do
ilustre artista
Varela Aldemira



Sandeman, o nome universalmente conhecido da mais importante organização vinícola do nosso País e que mais tem contribuído para a expansão, pelo mundo inteiro, do famoso Vinho do Porto.



Centro predilecto das elegantes lisboetas, vem distinguindo-se há muito pela forma requintadamente artística por que apresenta nas suas montras as mais recentes novidades que interessam as senhoras

LOTARIAS VARETA **CASA VARETA**

Apresento a sua montra com um curioso mapa em relevo de Portugal, com figuras regionais das várias Províncias, e ainda a sugestiva legenda: "O Vareta mostra a sua expansão distribuindo pela Lotaria Nacional a felicidade por todo o País" o que realmente fez ainda na última semana do mês findo enviando para o Estoril algumas dezenas de contos de réis

LUZ A JORROS...

O último concurso de Montras Iluminadas realizado ao findar o ano que passou constituiu mais um flagrante testemunho da forma inteligente por que o comércio lisboeta tem correspondido aos esforços empregados por várias entidades, entre as quais se destaca a Comissão Luminotécnica Portuguesa, no sentido de se conseguir a iluminação racional dos nossos estabelecimentos.

E de facto, com a prestimosa colaboração da Camara Municipal de Lisboa, Organismos Económicos e Companhias Reunidas Gaz e Electricidade, os progressos que se tem já verificado, traduzidos na importante cifra de duzentos o número dos que dispõem de luz condicionada segundo os mais modernos preceitos de uma boa iluminação, dão presentemente à nossa Capital legítimos fóros de grande centro cosmopolita. As duas taças da Camara Municipal e Comissão Luminotécnica Portuguesa cobrem respectivamente à Casa Universal, da rua do Carmo 45, 47, e à Tabacaria do Rossio, rua do Ouro, 295, o prémio da Associação Comercial à Casa Vareta, rua do Carmo 89, o do Grémio da União dos Lojistas à Casa Tatá Rodrigues, Rua Garret 53 e as Taças da Associação Industrial para os melhores reclamos luminosos à Philips Portuguesa e L. T. Piver. A Taça de Honra das Companhias Reunidas Gaz e Electricidade coube à National Caixas Registradoras, Rua Augusta, 146-148.



Caixas registadoras, 90% de capacidade de colocação no mundo inteiro e mais de meio século de existência classificadas como o melhor conjunto de iluminação exterior e interior e simultaneamente a mais perfeita técnica



Após a sua radical transformação se tornou uma das primeiras no seu género da Capital, apresenta nas suas montras mais completa e escolhida coleção de artigos interessando a amantes e fumadores, tais como carteiras e cigarreiras, acendedoras, máquinas fotográficas, tabacos de todas as marcas nacionais e estrangeiras, revistas, jornais, etc.



O novo estabelecimento que ainda há pouco tempo inaugurou as suas luxuosas instalações apresenta, além de uma completa coleção de artigos para viagem, as mais recentes novidades em artigos para senhoras, peles, casacos, capas, confeções, rapozas, zibelinas, marthas, um verdadeiro paraíso feminino



As lâmpadas fôscas protegem melhor a vista

Os modernos estabelecimentos
"A Pompadour"

na Rua Augusta, iluminada com luz mixta (lâmpadas de mercúrio e lâmpadas de incandescência), a luz moderna e económica.

Para estudos de iluminação consultar

Philips Portuguesa
S. A. R. L.

AVENIDA DA LIBERDADE, 3
LISBOA
AVENIDA DOS ALIADOS, 151
PORTO

Sumário

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»

FRANKLIN ROOSEVELT, biografia

A COLINA SAGRADA, por L. V. A.

O ALMIRANTE CUNNINGHAM, vencedor da batalha do Cabo Matapan

REGRESSO A' TERRA, de Rachel Bastos

A BATALHA DO ATLÂNTICO, por Mauricio de Oliveira

DUPLA PÁGINA COM FOTOGRAFIAS INÉDITAS DA GUERRA

OS BALCÃS EM FOGO

A BATALHA DO CABO MATAPAN, reconstituição, a duas páginas, de Stuart

GOSTA DA SUA PROFISSÃO? inquirido de Fausto Gonçalves

A CONQUISTA DE ADDIS-ABEBA

LISBOA, aeroporto da Europa
fotografia de J. Lobo

QUAL O SÍTIO MAIS BONITO DE LISBOA?
responde o dr. Augusto Mac Bride

FIGURAS E FACTOS

A CADEIRA DA VERDADE, de R. de M.

AO SOL DA LEZIRIA, de Rogério Perez

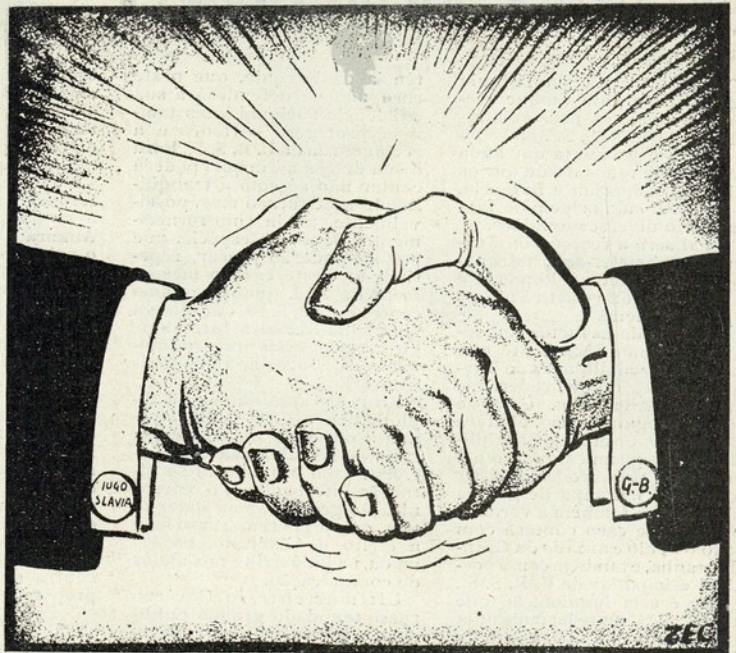
A AVIAÇÃO DESPORTIVA EM PORTUGAL, de M.

PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim

A SURPRESA, novela de Rodrigo de Melo

CRÓNICA ALEGRE, de Marçal Saldanha

CINEMA, de António Lourenço



UM APERTO DE MÃO

CRÓNICA ALEGRE

A inauguração da piscina

O Acácio—meu amigo íntimo—é um entusiasta do desporto. Quem o quere ver contente é convidá-lo para uma manifestação desportiva, ainda que haja pedrada e agressões a um infeliz que se dá pelo nome de árbitro e que é uma espécie de martir S. Sebastião nas andanças do desporto.

Pois encontrei ha dias o Acácio que radiante me convidou para ir assistir à inauguração duma piscina na sede dum club, que, apesar-de modesto já tinha uma notável obra em prol do desporto e muito tem contribuído para o aperfeiçoamento não só da raça portuguesa como também dos moradores do bairro que naquela sua casa podem entregar-se à livre prática do desporto, da laranjinha e do liques. (Estas palavras não são minhas, mas do presidente do clube num discurso que ele pronunciou).

Como não tinha que fazer, lá fui com o Acácio até a sede da agremiação. Pela caminho ele foi-me dizendo que a colectividade era pobre mas os sócios tinham a pouco e pouco construído a sede, campos de jogos e, no quintal, tinham instalado uma piscina.

O esforço daquele punhado de sócios pareceu-me glorioso e quiz ir vêr.

A sede estava à cunha e posso afirmar que o bairro em péso estava ali para assistir à inauguração. Ao quintal ninguém podia ir vêr a piscina se não depois do acto. Estava portanto toda a gente espalhada pelas salas. Numa das janelas foi colocada a prancha para os saltos e junto estava reunida a direcção, representantes das colectividades congêneres, da Imprensa, etc. etc.

A inauguração estava fixada para às 14 horas mas toda a gente sabe o que são estas coisas: só às 15 horas é que

princiou a sessão. Falou em primeiro lugar o presidente da direcção; a seguir, usou a palavra, o presidente da federação; depois discursou o sócio mais antigo; falou, também, o representante de outra colectividade do bairro; a seguir falaram os representantes dos bombeiros voluntários de Lisboa, arredores e ilhas adjacentes.

Coube então a vez de discursarem os lidimos representantes das sociedades de recreio; também disseram das suas representantes dos jornais da especialidade e, para terminar, o presidente da assembleia geral agradeceu a todas, um por um.

Entretanto, o tempo passava e era já quasi noite. Encerrada a sessão inaugural, toda a gente assomou às janelas para admirar a piscina. Quasi que já não se via mas como o programa tinha que se cumprir, o presidente anunciou que os atletas do clube iam executar alguns saltos. Desfilaram os heróis por entre palmas e, a um e um, lá se foram encaminhando para a prancha. A um sinal do atleta-mór o nadador formava um pulo e atirava-se de cabeça com uma elegância sem limites para a piscina. Toda a gente dava palmas. O Acácio estava entusiasmadissimo e eu, confesso, também estava admirado. Os atletas, apesar-de modestos, realizavam os saltos inpecavelmente e com garlhardia (Este termo é muito desportivo e serve para definir o brio dos atletas).

Como sou dado a expansões, não me contive e fui felicitar o presidente do clube. Radiante, o homensinho agradeceu e disse-me:

— E ainda isto não é nada. Bom vai ser quando a piscina tiver água!

Marçal Saldanha

Para
conhecer
Portugal
consulte
a C. P.

Informações:

em tôdas as estações

— em Lisboa, no serviço do
Tráfego — Telefone 2 4031

— no Pôrto, na estação de
S. Bento — Telefone 1722

POLÍTICA DO OCIDENTE — FACTOS DO ORIENTE

QUAL a atitude da Turquia no caso dum ataque alemão, e quais os possíveis reflexos da U. R. S. S. ?

É esta a pergunta que anda na boca de todos desde que os alemães ocuparam a Bulgária, e que tem sido origem de tantas e tão diversas opiniões.

Qual será a reacção da Turquia? Submeter-se-á, tal qual o que aconteceu à Romênia e à Bulgária, ou resistirá a uma agressão alemã?

Analisando os factos com lógica, veremos facilmente que há mais possibilidades da Turquia resistir do que ceder, perante a Alemanha. Certo é que, no segundo caso, ela terá de arcar com responsabilidades tão grandes quanto necessários para poder resistir à potente máquina de guerra alemã, mas também a verdade é que neste caso contará com todo o apoio e auxilio da Gran-Bretanha, e também com a possível «simpatia» da U. R. S. S..

Não é sem inquietação que a U. R. S. S. sente há mais dum ano a incómoda vizinhança da Alemanha e, portanto, é natural que veja com serias apreensões o continuo avanço do Reich em direcção aos Estreitos.

Quererá isto dizer que a U. R. S. S. se oporá, de momento, pela força das armas, à expansão alemã? — Certamente que não. Mas é quasi certo que encorajará a resis-

tência da Turquia, que neste caso não só defenderá a sua existência nacional, mas também protegerá o flanco e a rectaguarda da U. R. S. S.. Para a sua defesa a Turquia poderá contar não só com a tranquillidade no Caucaso mas, possivelmente, ainda com fornecimentos de toda a espécie, que por ali poderão passar, repellido-se neste caso o mesmo facto de 1922, quando a nascente U. R. S. S. auxiliava Mustaphá-Kemal a fazer surgir do esfacelado império otomano — a Turquia de Kemal-Ataturk.

Ao passo que no campo diplomático a U. R. S. S. continua a observar uma extrema reserva, é interessante relacionar com a evolução da situação internacional a reorganização gradual, mas sistemática, que o governo russo leva a efeito no Exército, na Armada, na indústria e nos meios de comunicação.

Ultimamente, o Governo russo tem do grande publicidade a este esforço: rejuvenescimento dos quadros do Estado-Maior, instrução e treino intensivo das tropas, construção em série de novos barcos de guerra, criação duma frota de alto-mar e duma flotilha do Danúbio.

Ainda recentemente, durante as comemorações do 23.º aniversário da criação da armada e do exército vermelho, em

todos os discursos os oradores sublinharam a necessidade que a Rússia tem de estar em estado de preparação completa e pronta para «qualquer eventualidade».

No decurso das últimas conferências havidas entre Eden e os dirigentes turcos — em Ankara e Chipre — certamente o primeiro deve ter dado seguras garantias do auxilio que a Gran-Bretanha prestará à Turquia para a defesa dos estreitos, ao mesmo tempo que deve ter confirmado todos os compromissos, tomados pelo Governo Britânico na conferência de Montreux de 1936, e que reconheceu a Turquia como guarda incontestada dos Dardanelos e do Bósforo. Ao mesmo tempo, é muito possível que a mesma garantia tenha sido dada em Moscovo, por sir Stafford Cripps, que assistiu às conversações de Ankara. Só o futuro nos poderá dizer contra quem a U. R. S. S. se prepara...

Quasi que não há semana em que a aviação japonesa não anuncie ter cortado, martelado ou destruído completamente a estrada da Birmânia, que é de vital importância para o reabastecimento da China. Mas a realidade é muito diferente dos comunicados da aviação japonesa. De facto, algumas vezes, as pontes que

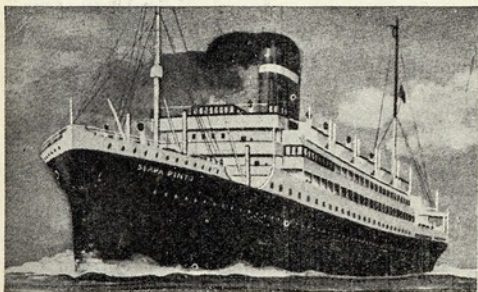
atravessam o Mé-kong são cortadas pelas bombas nipónicas, mas o engenho e dedicação dos chineses encontraram facilmente um remédio para estes contra-tempos. Logo que uma ponte é atingida, um verdadeiro formigueiro humano surge da terra e, em pouco tempo, constroem nas proximidades a ponte, com grossas pranchas e grandes bidões de gasolina, enormes jangadas que durante toda a noite transportam dezenas e dezenas de camiões pesadamente carregados. Logo que chega o dia, as jangadas são desmontadas e escondidas das vistas dos aviadores japoneses.

A aviação japonesa tem grande dificuldade em atingir a parte da estrada que serpenteia pelas montanhas. Os chineses têm mais receio dos desprendimentos de terra do que dos bombardeamentos aéreos. Mas, ainda assim, a técnica dos chineses tem superado tudo, pois mesmo durante a estação das chuvas o trânsito na estrada nunca esteve interrompido por mais de 24 horas.

Desde 18 de Outubro que o tráfico não tem cessado de aumentar e o que no principio não passava de 100 toneladas com um movimento diário de 40 camiões, alcança agora 450 toneladas com um movimento diário de 160 camiões.

Fernando de Ferreira e Silva

OS PAQUETES da Companhia Colonial de Navegação



O LUXUOSO PAQUETE "SERPA PINTO"

ligam a Europa com as Américas do Norte e do Sul e com a Africa em linhas rápidas

PAQUETES

«Serra Pinto»	8.267 T.
«Mouzinho»	8.374 »
«Colonial»	8.309 »
«João Bello»	7.540 »
«Guiné»	3.200 »

VAPORES DE CARGA

«Cassequel»	7.300 T.
«Ganda»	6.770 »
«Pungue»	6.290 »
«Malange»	5.050 »
«Lobito»	4.200 »
«Sena»	1.420 »

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Rua Instituto Virgilio Machado, 14 (à Rua da Aljandega) — Tel. 2.0051

PORTO — Rua do Infante D. Henrique — Tel. 2.342

Peçam

Gonzalez-Byass

Vinhos e Aguardentes do Jerez

Vinhos do Porto

Tio Pepe
Amorosa
A. B.
Nectar
Solera 1847

Jerez

3 Copas
Soberano
Insuperable

Aguardentes
Jerezanas

Superior Tawny
Special Tawny
Port in Sight
«54 Port.»

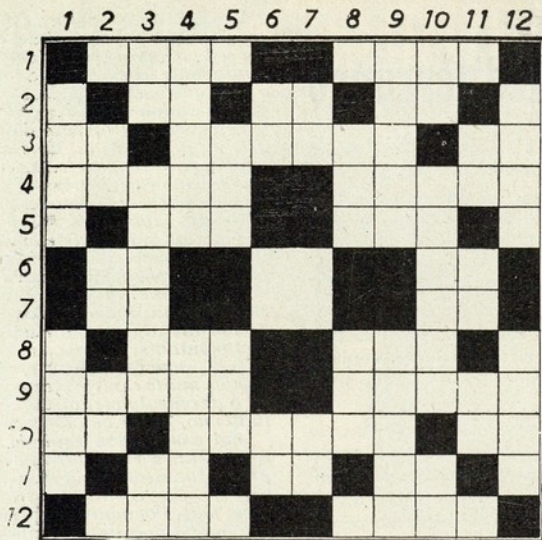
Vinhos do Porto

Depositários:

GARLAND, LAIDLEY & C.º LTD.

10, Travessa do Corpo Santo — LISBOA

(Telefone 2 3311)



PROBLEMA N.º 13

HORIZONTAIS

- 1 — Frecha; semelhante.
- 2 — Afastado; ofereça; fluido respirável.
- 3 — Único; Apelido do Ministro das Informações da Gran-Bretanha; o lado do vento (náut).
- 4 — Exactidão; motivo.
- 5 — Caminho (subst.); acolá.
- 6 — Popa do navio; sétima nota musical.
- 7 — Passeava; Existe.
- 8 — Fluido aerofórme; uno.
- 9 — Rochedo no meio do mar; cartas.
- 10 — Batráquio aquático; apelido do general comandante dos australianos; artigo (pl.).
- 11 — Reparei; tudo o mais; aqui.
- 12 — Vença; guincho.

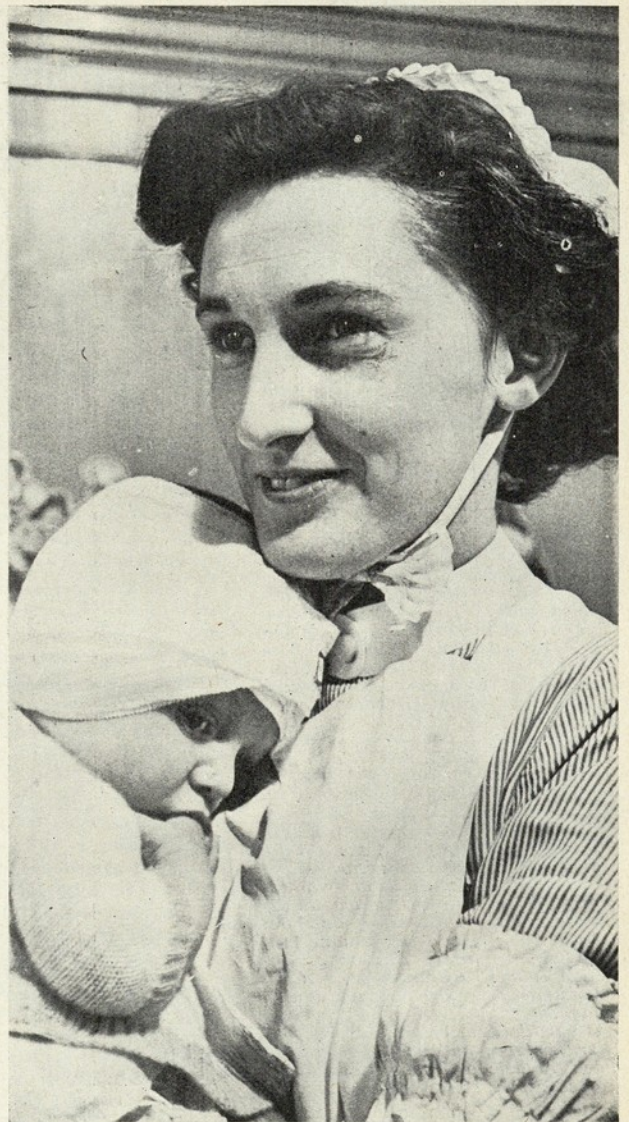
VERTICAIS

- 1 — Genuíno; fogueira onde se queimavam cadáveres.
- 2 — Nota musical; graça; ali.
- 3 — Pertences; apelido do general que instruiu e comandou as várias divisões blindadas empregadas nas operações da Líbia; caminhe!
- 4 — Pôs a mão; anagrama de «teima».

- 5 — Faz preces; afadiga-se.
- 6 — Compaixão; neste lugar.
- 7 — Sedimento (inv.); letras de «kumel».
- 8 — Ave pernalta, espécie de ave-truz; gosta.
- 9 — Guia (subst.); anagrama de «yatch».
- 10 — Dirigir-se; apelido do Marechal do ar, primeiro «Victoria Cross» da Aviação do Canadá; grito de dor.
- 11 — Interpretei; caminhava; contração de preposição e artigo.
- 12 — Corpo esférico; essas coisas.



Solução do problema n.º 12



Num hospital de crianças, em Londres, que recentemente foi atingido pelas bombas do inimigo. Um louro «baby», gracioso como uma boneca, verdadeira flor de graça e de frescura, que ainda não sabe o que é guerra, ao colo de uma valorosa enfermeira que, como todas as outras, na sua nobilíssima missão, tem dado admiráveis provas de coragem e de sangue frio. Ela sorri a vida pequenina que os seus braços enternecidamente estreitam e defendem, num símbolo eterno de amor



2 produtos indispensáveis à beleza da sua pele:

Creme e Pasta de Amêndoas

Rainha da Hungria

São produtos M.^{me} Campos

Academia Científica de Beleza

Avenida da Liberdade, 35

L I S B O A

PAPELARIA CARLOS

FUNDADA EM 1848

de CARLOS FERREIRA, L.da

Telefone 2 0244

34, Rua do Ouro, 38 LISBOA 147, R. S. Julião, 153

Artigos de Escritório

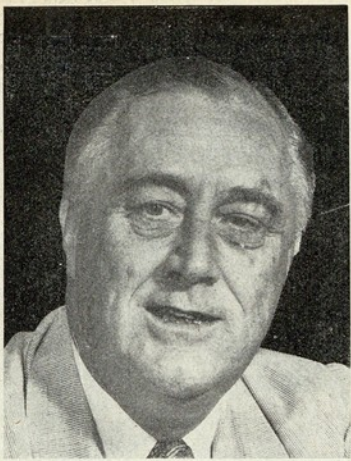
Material de Desenho

Casa especializada em livros para ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Artigos de fantasia, para escritório:

Tinteiros, pastas, facas para papel, canetas com tinta, lapiseiras, carnets, albuns para fotos, pastas para mensagens, livros para visitantes, etc. etc.

Secção de tabacaria, valores selados e livraria



FRANKLIN ROOSEVELT

O Presidente dos Estados Unidos é uma personalidade vigorosa de político e de homem de Estado. Nasceu em 30 de Janeiro de 1887 em Hyde Park, descendente duma família holandesa que se fixou no continente americano em 1649. Pelo lado de sua mãe, Sarah Delano, descende também de famílias de emigrantes holandeses. Era parente, em grau afastado, do antigo Presidente Teodoro Roosevelt.

Pode dizer-se que a sua carreira política começou em 1910. Nada deixava prever que Franklin Roosevelt, que se estreara auspiciosamente no fóro e tinha na sua frente uma carreira profissional prometedora, iria dedicar-se inteiramente aos negócios públicos. Eleito Senador no Estado de Nova York conquistou, rapidamente, uma reputação segura de dirigente pelas qualidades de bom senso e desassombro que demonstrou, combatendo muitos abusos consagrados mas inclinando-se sempre perante as soluções justas e equilibradas.

O partido democrático, em que se filiara, estava, há anos, afastado do poder. A eleição do seu candidato, o professor universitário Woodrow Wilson, em 1912, veio dar-lhe novos alicios. Para esta vitória muito contribuiu Franklin Roosevelt que, entretanto, se afirmara como um orador de excepcionais recursos e de influência decisiva nos auditórios populares.

Na eleição presidencial de 1920, Roosevelt apresentou a sua candidatura à vice-presidência e foi derrotado com o partido democrático. Um ano depois teve um ataque de paralisia que o manteve afastado da actividade política e de que se curou graças à sua energia.

Em 1928 foi eleito governador do Estado de Nova York. A popularidade que alcançou no desempenho deste cargo justificou a escolha do seu nome, em 1932, para a suprema magistratura da Nação. Reeleito em 1936 e em 1940 (caso único na história dos Estados Unidos) reformou a estrutura económica da nação e, perante o actual conflito, proclamou a solidariedade dos Estados Unidos com os destinos do Império Britânico.

O domínio do Mediterrâneo

Malgrado a batalha aérea sobre a Inglaterra, que teve a sua fase culminante em Agosto e Setembro de 1940, uma nova batalha se iniciou. As potências do «eixo» na impossibilidade de dominarem o centro do Império britânico, a cidade de Londres, atacaram o coração do grande corpo imperial. No outono do ano passado a diplomacia confiou às forças armadas italianas o encargo pesado de dominarem o Mediterrâneo e as suas regiões marginais. Para ser eficaz esse domínio precisava ser absoluto. O marechal Graziani, um combatente encanecido pelo sol africano, iniciou a sua ofensiva que penetrou em território egípcio e alcançou Sidi Barrani. O porto de Alexandria era o seu objectivo longínquo.

O Almirantado respondeu à iniciativa italiana concentrando no Mediterrâneo uma parte importante das suas forças navais. Aproximadamente metade da esquadra de batalha da Grã-Bretanha seguiu para o Mediterrâneo ocidental e para o Mediterrâneo oriental, agindo de acordo com um plano previamente estabelecido que tinha em conta as dificuldades de trânsito pelo canal da Sicília.

Dois operações decisivas, conduzidas com uma audácia extraordinária e com uma visão rápida do acontecimento, marcaram o destino da frota de combate italiana: Tarento e o Cabo Matapan. Ambos foram realizados sob a orientação da mesma personalidade vigorosa: o almirante Cunningham. Ambas conduziram a resultados idênticos.

Esses resultados podem resumir-se em poucas palavras. No início do actual conflito, a Itália tinha ao serviço seis navios de batalha, dois do tipo «Littorio» (35 mil toneladas) e quatro do tipo «Cavour» (24 mil toneladas). Dos primeiros, um foi seriamente avariado durante a acção de Tarento (segundo todas as probabilidades o «Littorio»); o outro (Vittorio Veneto) foi duramente atingido no combate do Cabo Matapan. Dos quatro navios de batalha do tipo «Cavour», dois foram obrigados a reparações demoradas em consequência das avarias que sofreram em Tarento.

Quanto aos cruzadores de menor tonelagem, os números revelados pelos comunicados oficiais de Roma não sofrem contestação. A Itália tinha desanove cruzadores, de diversas tonelações, ao serviço, e catorze em estaleiro. Cinco foram afundados em consequência de acções aero-navais, e entre esses cinco as melhores unidades de dez mil toneladas: o «Pola», o «Fiume», e o «Zara»; os outros dois cruzadores afundados são navios de 6 a 7 mil toneladas.

Em matéria de contra-torpedeiros os números oficiais são os seguintes: existência no início da guerra, 86; afundados certos 14. Não foram ainda revelados os números relativos às unidades deste tipo que se tinham refugiado nos portos do Mar Vermelho (Massauá e Assab) e cujo destino foi o afundamento, por iniciativa das próprias tripulações, por acções do inimigo.

Dos 105 submarinos de que a frota italiana dispunha há um ano, 12 foram afundados no Mediterrâneo.

O ataque a Tarento precedeu, de perto, a ofensiva inglesa na África do norte; a batalha de Cabo Matapan foi imediatamente seguida pelo alargamento das hostilidades à península balcânica. Sem a primeira, a marcha vitoriosa do general Wavell não teria sido possível, sem a segunda a Grécia e a Jugoslávia não se teriam colocado abertamente ao lado da Grã-Bretanha. O domínio do Mediterrâneo é a razão essencial que justifica o desenvolvimento da luta naquelas paragens.

O Observador

Castelos portugueses

A ocupação portuguesa ou o seu primado espiritual deixou em todo o mundo vestígios que ainda hoje perduram. Somos o povo que mais terra decaçou e mais andou no mar.

Vem isto a propósito do regresso, à Abissínia, de Haile Salassie, o rei dos reis. Nos comunicados de guerra estrondavam, por vezes, nomes que não são familiares, como o de Gondar, onde existem vinte e cinco castelos construídos por portugueses. Na Abissínia, a nossa gente foi sempre querida e bem agasalhada. Tivemos ali alguns patriarcas, uns nominais, outros, ao que parece, com residência efectiva, que muito contribuíram para o desenvolvimento do cristianismo, entre os autocótonos.

Foi assim, sem espírito de conquista, e respeitando sempre a independência dos povos, os seus costumes e tradições, que Portugal propagou a fé numa nobilíssima missão espiritual, de que hoje, mais do que nunca, nos devemos justamente orgulhar.

Cronómetro de guerra



A evacuação de Bengazi é duma relativa importância. Trata-se dum recuo de ordem estratégica, espécie de compasso de espera, enquanto não chegam as

tropas empenhadas na campanha da Eritreia, que já devem ter embarcado em Massauá, a caminho do Egipto, onde vão substituir o exército do general Wavell que, a esta hora, se encontra na Grécia, às portas da Europa. Enquanto não chegam as vanguardas inglesas, de simples cobertura, vão retirando em boa ordem. O resto é questão de tempo, contado segundo a segundo, no cronómetro da guerra. Uma vez chegados os contingentes ingleses empenhados na Eritreia, e talvez mesmo as tropas sul-africanas que estão ocupando a Abissínia, a situação deve, com facilidade, restabelecer-se. A manobra não deixa de ser ousada, digna de nome do grande Wavell.

Pedro II

A volta de Pedro II junta-se agora a nação Jugoslava. Corajosamente, ele tomou conta dos destinos do seu país, numa hora em que a guerra, como uma nuvem sombria, ameaçava as fronteiras. O povo saíu do nele, o descendente dos Karaglarvith, família lendária de heroísmo, convertendo-o no paládio da sua independência e da vontade nacional. Os sérvios e os monteguinos que, na outra guerra, demonstraram uma audácia, uma coragem, e uma resistência leoninas, estão, de novo, combatendo, agora dentro duma pátria maior. A sua proverbial intrepidez responde por eles. Como os gregos, os Jugoeslavos desprezam a morte. Nas altas montanhas do país, a sua alma tem o brilho fulgurante duma fogueira.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de «Mundo Gráfico», L.^a

Redacção e Administração: Rua de S. Nicolau, 119-3.º / Lisboa / Telefone 25240

Composição e impressão: Neogravura, Ld.^a, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 e 10 — Lisboa

COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



LACOONTE, UMA DAS MAIS BELAS LIÇÕES DA ESTATUÁRIA CLÁSSICA

A COLINA SAGRADA

No velho mosteiro franciscano os artistas encontraram o ambiente propício ao seu sonho de beleza

A Escola de Belas Artes de Lisboa, situada desde 1836 no velho convento de S. Francisco da Cidade, ali continua dirigindo a educação artística das modernas gerações, nas três especialidades de arquitectura, pintura e escultura. É uma escola com tradições veneráveis. Depois da morte de Sequeira, em Roma, 1837, onde o levou o desalento e a falta de estímulo pátrio, o ambiente estético português criou-se e

tomou possibilidades de vida própria com a fundação da Escola (designada então por Academia). As artes plásticas de meados do século passado até princípios do actual, tiveram por centro de irradiação as oficinas que Passos Manuel instituiu e instalou no mosteiro franciscano, colina sagrada onde se albergam outros estabelecimentos de cultura: a Biblioteca Pública, a Academia Nacional de Belas

Artes (organismo com atribuições de ordem especulativa) e o Museu de Arte Contemporânea; e ainda há pátios e corredores conventuais abrangidos pela área do Governo Civil.

A Escola de Belas Artes no início do seu ensino prático e fecundo, preparava os artistas e mostrava ao público as obras criadores de mestres e discípulos. O único salão oficial de exposições era o da Escola



A AULA DE DESENHO DE MODELO VIVO

onde a melhor elite de Lisboa e a família real concorriam, animando os artistas com a sua presença e a sua protecção. Anunciação, Silva Pôrto, Simões, tio, Columbano, Carlos Reis, José Luiz Monteiro, Veloso Salgado, os dois últimos felizmente ainda vivos, são desse tempo em que as produções artísticas reveladas provocaram à sua volta um ruído de aprêço e curiosidade. A êste impulso benéfico, seguiram-se os Grémios, os Grupos, as Sociedades Promotoras, os Conselhos de Belas Artes, independentes na missão a cumprir, mas herdeiros legítimos do movimento iniciado pela Escola. Hoje, êsse estabelecimento, romântico na origem e nas idéias estéticas que difundiu, continua entregue aos seus fins, limitados apenas à função pedagógica. Os *ateliers* de Condeixa, Ramalho, Columbano, Salgado e Carlos Reis, agora são aulas e galerias do Museu; e não se pode dizer que a Escola, apesar dos esforços do seu director, esteja melhor instalada. As necessidades do ensino multiplicaram e não se realizam exposições escolares por falta de salas, estas transformadas em pinacoteca, erguida e acarinhada por Columbano, hoje votada ao esquecimento, urgindo a sua transferência para outro local e entregando-se à Escola as salas que de direito lhe pertencem. Já se pensou na construção de um edifício para êste ramo de ensino, mas a idéa não é muito querida pelos artistas nados e criados sob aquelas abóbadas, onde os rumores da cidade não perturbam o ambiente propi-

cio à meditação e ao recolhimento. Se o Museu, a Biblioteca e a Academia encontrassem abrigo noutros palácios a erguer, solução que possui os seus adeptos, a Escola de Belas Artes estaria para dar e durar, única proprietária do mosteiro franciscano mais propício às criações de beleza calma e sonhadora.

Actualmente, os cursos elevados à categoria de "Superiores,, condicionam a entrada por um exame de admissão, seleccionando os candidatos para o melhor aproveitamento das vocações artísticas, que tem dado bons resultados na especialidade de arquitectura. Reconhece-se, todavia, que a divisão em "duas classes,, para os cursos de pintura e de escultura

(cursos com duração indeterminada, sabendo-se quando começam, ignorando-se quando terminam) e acumulação de cadeiras subsidiárias dificulta demasiado o andamento dos estudos. Que na Renascença houvesse um Leonardo da Vinci, filósofo, matemático, engenheiro, pintor e escultor, um génio sem igual no mundo, isso não é razão que sirva para regularizar um curso na mira de chocar génios. Nem êsses excepcionais são produto das Escolas organizadas, nem as Escolas, pelo sua função didáctica, ainda que orientadora, têm o poder criacionista de gerar super-homens. A arte não é só fruto da inteligência; a emoção, a sensibilidade, êsses mil atributos do temperamento artístico, requerem uma atmosfera especial, diversa para cada indivíduo, sem o que, não pode revelar-se o sentimento criador, encharcando a inteligência que lhe é própria.

Foi nessas condições de tolerância bem dirigida que medrou e floresceu uma pléiade de artistas pintores: Silva Pôrto, Columbano, Carlos Reis, Sousa Pinto, Lupi, Malhóia, João Vaz, Salgado e outros do norte e do sul dignos do seu tempo e exemplo das gerações futuras.

Êste problema do ensino artístico, em estudo pelas instâncias superiores, vai certamente solucionar uma aspiração das modernas camadas docentes e discentes, ansiosas de colaborar no ressurgimento português, em boa hora iniciado pelo Estado Novo.



Modelando um tórso



O ALMIRANTE SIR ANDREW BROWNE CUNNINGHAM, COMANDANTE DA ESQUADRA INGLÊSA DO MEDITERRÂNEO E GLORIOSO VENCEDOR DA BATALHA DO MAR JÔNICO, CUJA ACÇÃO RECORDA AS FAÇANHAS DE NELSON

REGRESSO À TERRA

O Pai dos Anjos passeava dum lado para o outro, no espaço sem fim dos céus. Alguma coisa grave o preocupava muito para andar assim agitado! Cada passada sua ressoava na Terra misteriosamente, ao mesmo tempo que um clarão mais vivo fazia crer aos homens que havia outra luz mais clara ainda que a do sol. Os anjos, atemorizados, não ousavam mover-se, e os cantos com que costumavam apaziguar o Senhor ficavam abafados nas suas bocas. O Senhor Deus trazia um grande livro debaixo do braço que, de vez em quando, abria, ora para traçar uns riscos a lápis nas páginas já tão riscadas, ora para cortar outras linhas que antes pareciam prolongar-se de ponta a ponta.

Clara chegou nesse momento, e colocou-se humildemente na fila dos anjos considerados como anjos da guarda, que eram os que tinham maior responsabilidade no Céu. Com as asas pendendo ao longo do corpo, mal se atreviam a seguir com o olhar os passos do Pai, prontos a acudir ao seu menor desejo. Uma nuvem branca, enrolando-se em cornocópia, suspendeu o último movimento para formar a cadeira onde Ele se havia de sentar. Então, a um gesto seu, os anjos voaram e desapareceram. Só Clara, que não era bem da Terra nem era do Céu, procurou ficar escondida atrás do espaldar da cadeira do Pai dos Anjos. Sentiu uma curiosidade invencível, um desejo terreno de saber o que se ia passar. Pelo seu corpo, que ela deixara de ver, mas não de sentir, subira de novo o atroz desejo dos homens: saber!

Clara queria seguir os anjos seus iguais em categoria, mas mais perfeitos que ela, isentos de tudo que não fôsse a volúpia de agradar ao Senhor. Mas uma vontade humana a retinha. Escondida atrás da etérea cadeira, Clara segue os movimentos do Pai, lentos, firmes, irremediáveis. A sua mão prolongava o número infinito de linhas. Algumas havia a que pouco se lhe poderia acrescentar; outras, ainda curtas, eram quebradas antes de terem atingido meia fôlha; outras ainda, que parecia quererem prolongar-se indefinidamente, em arabescos, eram apagadas pela mão do Senhor. Clara, cuja curiosidade vai crescendo, espreita mais acima, por sobre os ombros do Pai dos Anjos. Quando Ele corta uma linha, Clara, por estranha coincidência, ouve ranger os gonços das portas do Céu.

No seu corpo, que parecia sentir mais intensamente, começaram a infiltrar-se todos os sentimentos de que o seu o espírito se despojara ao entrar no Céu. Ao lado da piedade infinita que lhe dera o poder de suavizar tôdas as máguas, sentia a revolta e o desespero de não viver a vida terrena com tôdas as suas lutas e todos os seus sofrimentos. Um desejo infinito de renovar aquele beijo que unira a sua alma a outra, trouxe ao seu corpo a saudade de coisas que não vivera. E uma dor penetrante como as que se sentem na Terra apertou-lhe o coração. Teve medo do Poder que lhe tolhia os movimentos voluntários da alma. Uma força invisível a chama. Sente uma estranha vitalidade a entumescer as veias apagadas do seu corpo.

Um a um, vão chegando os anjos, entoando coros divinos, mas Clara sente tôdas as forças da Terra a dominar-lhe o corpo: alegria, ambição, desejo de viver, sofresse quem sofresse. Era como que uma grande força que a impelia a realizar-se.

O Pai dos Anjos fechara, sorrindo, o livro do Destino, e a núvem branca, recomeçando o seu movimento rotativo, envolveu-O e levou-O para outras paragens.

Clara atordoada, sente-se flutuar numa descida súbita pelo Espaço. Deixara de ouvir a melodia dos Anjos. Esquecera o Céu e a piedade sem limites por cujo poder tinha encontrado alívio para todos os males. Em lugar de asas, tinha todos os



PÁSCOA DE 1941

Um nicho duma capelinha de Águeda

seus braços redondos e tépipo, e da sua bôca saía um grito de alegria.

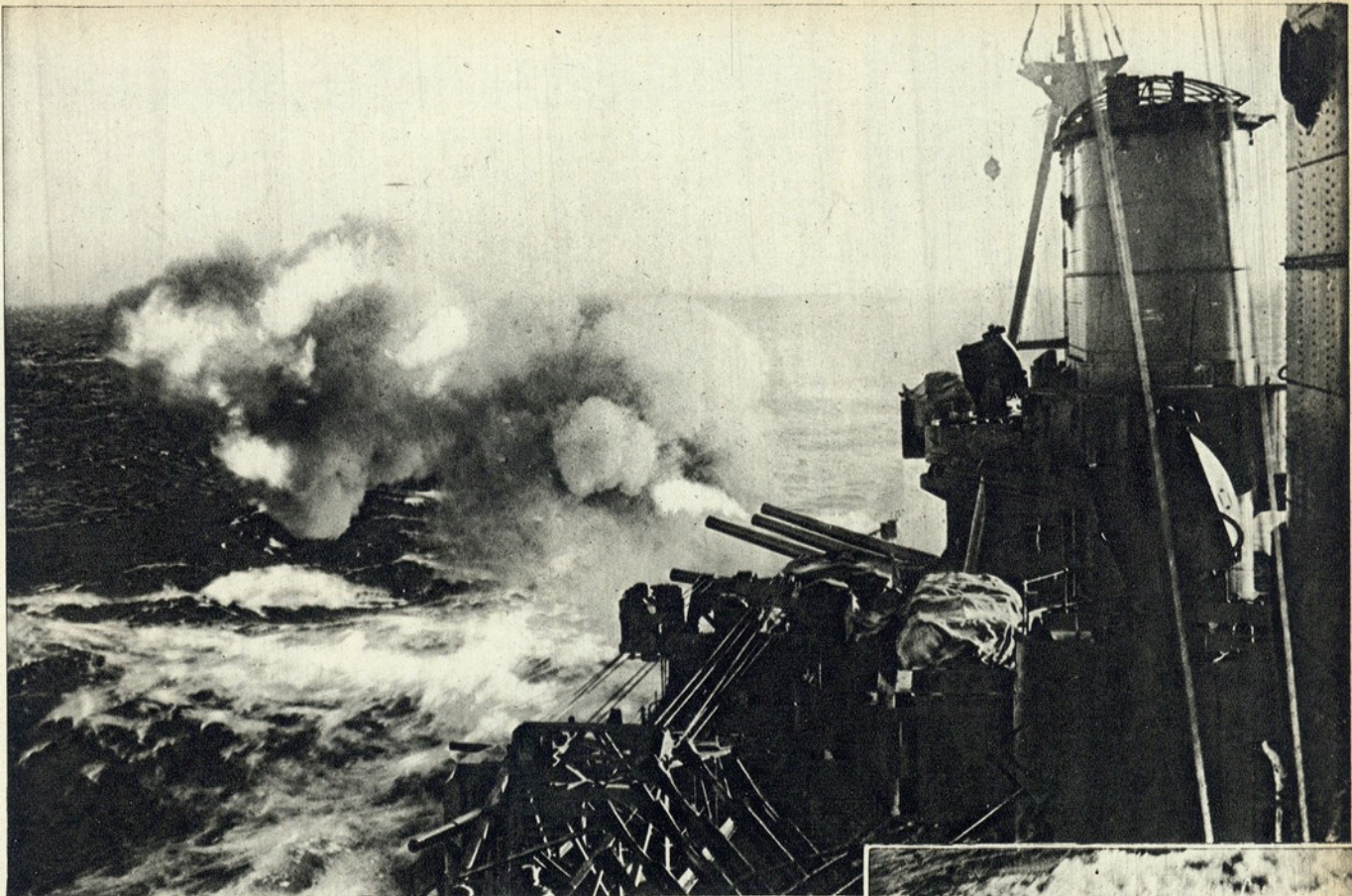
Quando Clara abriu os olhos, estava na Terra e seguia o caminho da casa da montanha.

Sobre a erva rasteira, um lagarto aquecia-se ao sol. As formigas corriam dum lado para o outro, em carreiros densos. As flores do mato desabrochavam entre tufo de cardos, as pedras cinzentas despiam-se do musgo que, durante o inverno, as abrigava. Um velho chaguento, sentado no chão, pedia esmola. Um garoto atirava pedras aos pássaros.

Clara passou indiferente. Afugentou o lagarto, pisou as formigas, não deu esmola ao pobre e não impediu que as aves caíssem sob as pedradas do garoto.

Clara via e sentia o seu corpo! Clara era outra vez da Terra, e, por vontade do Pai dos Anjos, ia finalmente viver!

RACHEL BASTOS



QUANDO OS CANHÕES FALAM

A BATALHA DO ATLÂNTICO

A batalha do Atlântico começou. Os transportes vêm da América para a Ilha Britânica, alterando muito as rotas normais para evitar o inimigo e, de entre eles, uma percentagem notável está de facto, a conseguir chegar ao seu destino.

Pelo oceano entre dois continentes que se defrontam, os submarinos alemães esperam, em cruzeiros longos, a aparição dos barcos cuja destruição lhes foi confiada. Os aviões do Reich vêm até muito ao largo com missão idêntica. Alguns logram ver o inimigo, outros pagam cara a sua incursão. Em qualquer das casos, porém, há que reconhecer que a batalha do Atlântico se trava duramente.

A recente aparição entre a América e a Europa, dos cruzadores de batalha alemães «Gneisenau» e «Scharnorst» em guerra de còrso aos «combóios» veiu pôr um novo problema para o qual, de resto, o Almirantado já deveria estar, certamente, preparado: era necessário rever o sistema de escolta aos «combóios».

A presença, no mar, de navios com a capacidade ofensiva e a velocidade da queles dois cruzadores de batalha, obriga os ingleses a pôr, em prática, simultaneamente, duas tarefas: uma, diz respeito à organização da escolta aos «combóios», a outra a caça aos dois corsários.

Quanto à primeira, tornam-se agora necessário trazer um couraçado pelo menos em cada «combóio», visto que o seu armamento de 381 mm. poderá manter os

corsários à distância necessária se considerarmos que o armamento principal destes não vai além de 280 mm.

Quanto ao segundo aspecto do problema — a caça ao inimigo tal como se fez com o «Graf Spee» — as ingleses, se a quiserem tentar com tôdas as probabilidades de êxito, deverão empregar nessa missão os novos couraçados «King George V» e «Prince of Wales», unidades que, pela sua velocidade, estão em condições de forçar o inimigo ao combate.

Os alemães mantiveram sempre secreta a velocidade destas suas unidades, mas os ingleses souberam provenir-se para a hipótese dela ser superior, como de facto é, aquela que apareceu nos anuários como *velocidade provável*...

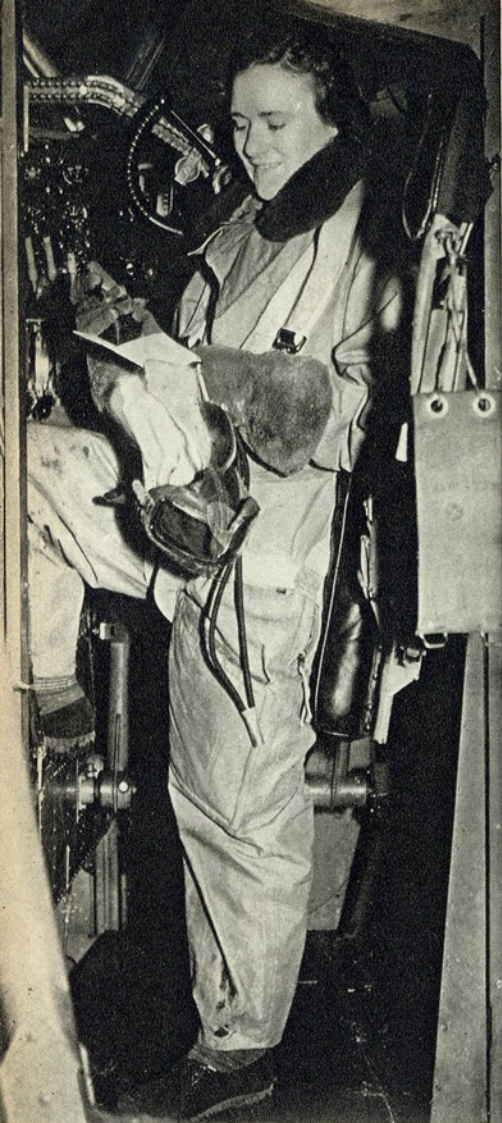
Quanto aos restantes problemas — submarinos e aviões — a Gran-Bretanha reforça os seus «combóios» com contra-torpedeiros e lança mão de cruzadores ligeiros com aviação embarcada para defrontar os incursos aéreos inimigos.

É êste o xadrez em que se trava a batalha do Atlântico, menos espectacular da que as batalhas no Mediterrâneo, mas decisiva para o desfecho da guerra. A evolução dos acontecimentos e a intervenção americana fizeram agora da batalha do Atlântico a expressão da guerra. Poderá dizer-se, mesmo, que ganhará a guerra quem ganhar a batalha do Atlântico.

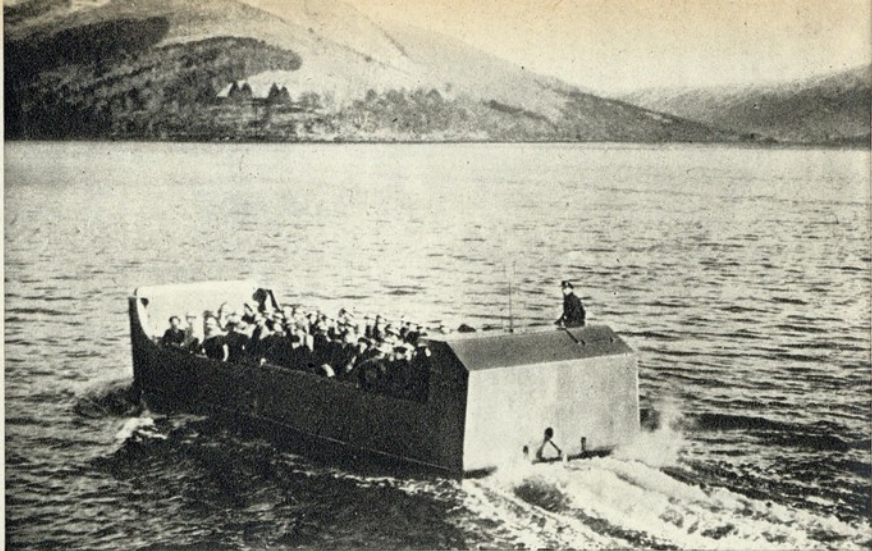
Maurício de Oliveira



O gigantesco couraçado na sua primeira travessia do Atlântico, quando levou aos Estados Unidos Lord Halifax



Miss Bronwen Williams, uma linda morena, piloto de ensaio da R. A. F.



O raid às ilhas Lofoten, na Noruega. Este gasolina blindado, carregado de tropas, aproxima-se da costa



Os grandes depósitos de lubrificantes de Stansund foram incendiados pelos soldados ingleses durante o raid



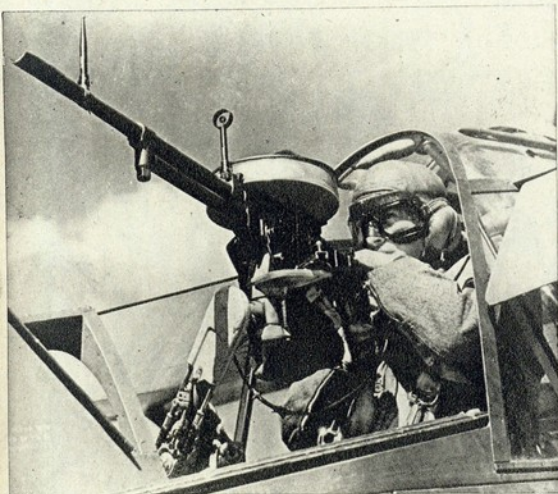
Os ingleses aprisionaram trezentos alemães, nas ilhas Lofoten, que desembarcaram em Londres



Um trofeu de guerra. A bandeira nazi, que flutuava numa das ilhas do arquipélago norueguês



Uma metralhadora "Lewis", repele um avião germânico que pretendia atacar um comboio



A metralhadora de um "Lysander", um dos melhores aviões de combate da R. A. F.



Um "gros plan", expressivo de dois soldados britânicos, à entrada de uma povoação costeira



O litoral inglês está bem guardado. Uma curiosa trincheira que mais parece um labirinto



Nos tempos de Wells. Um marinheiro inglês com máscara anti-gás

OS BALCÁS EM FOGO

NOS Balcãs criou-se uma nova frente de batalha. É este o facto capital da primavera deste ano. A medida que se intensificava a preparação diplomática naquela região da Europa, ia-se tornando evidente que só uma solução violenta poderia liquidar os motivos de divergência que se tinham acumulado. Na conflagração de 1914-18 as potências da península balcânica dividiram-se: a Bulgária e a Turquia aliaram-se aos impérios centrais; a Sérvia, a Grécia e a Roménia bateram-se ao lado dos aliados greco-britânicos. Nesta guerra, a Hungria, a Roménia e a Bulgária, assinando o pacto tripartido ligaram o seu destino ao destino do Reich; a Iugoslávia e a Grécia fizeram causa comum com a Gran-Bretanha.

A atitude da Iugoslávia, condicionada pela realização prévia dum golpe de Estado chefiado pelo general Simovich, modificou os planos alemães no sueste europeu. O governo de Berlim tinha um projecto evidente e compreensível: evitar o alargamento das hostilidades. Essa condição devia corresponder à aceitação pelos países balcânicos e danubianos da nossa ordem europeia. Assim se explica a lentidão do seu trabalho diplomático conquistando, uma a uma, assinaturas que julgava indispensáveis para o êxito das suas concepções.

O episódio que ocorreu em Belgrado na noite de 27 de Março foi o incidente que transformou essa combinação maduramente preparada e iniciou a nova fase da guerra. A batalha da ilha perdeu, de momento, a gravidade de que, segundo todas as probabilidades, devia revestir-se nesta quadra do ano. Uma parte importante (talvez metade) da aviação de primeira linha ao serviço do Reich deslocou-se do seu objectivo essencial, o ataque aos centros vitais da indústria, aos portos, ao sistema de comunicações e às cidades da Gran-Bretanha, para ser utilizada na realização de objectivos puramente militares. Não é apenas a população de Londres que passará a ter um descanso maior: são as fábricas de material, espalhadas pelo território da ilha, que produzirão mais e os transportes vindos dos Estados Unidos que chegarão com uma segurança maior.

No plano puramente militar é difícil fazer vaticínios sobre o que vai passar-se. Dum e outro lado devem ter-se concentrado aproximadamente quatro milhões de homens. As hostilidades iniciaram-se antes de terem terminado as concentrações. Os alemães começaram a sua operação ofensiva recorrendo quasi exclusivamente à arma aérea. Dada a atitude primitiva da Iugoslávia calculavam ter assegurado o flanco direito do seu dispositivo que se adensava ao longo da fronteira bulgaro-grega com um objectivo imediato: a cidade de Salónica. Tiveram assim que modificar o plano inicial, destinando para outros pontos contingentes destinados à invasão da Grécia e chamando, de certo, reforços importantes para o novo teatro da luta. O Estado maior alemão, tranquilizado pela adesão da Iugoslávia ao pacto tripartido e pelas hesitações da Turquia, concentrara nos Balcãs seiscentos mil homens, número mais que suficiente para conduzir, no seu estilo característico, a ofensiva que levaria rapidamente as suas forças motorizadas aos portos do mar Egeu. Não é exagero considerar que esse número, perante o desenrolar dos acontecimentos, teve que ser aumentado.

A Hungria, a Roménia e a Bulgária, embora se não tenham envolvido oficialmente no conflito, tornaram-se pela presença das tropas alemãs no seu território, um teatro eventual de operações. E' dos campos petrolíferos de Ploesti que presentemente se faz o abastecimento em carburantes necessários à continuação da luta pelo lado do Reich. A Roménia será, por isso, um alvo naturalmente designado para a acção da R. A. F. Na questão de ataques doutra natureza os alemães concentraram naquele país um exército aéreo (1700 aparelhos de primeira linha) com o seu quartel geral em Bucareste.

A Itália não deixará de ser apertada pelo novo teatro de guerra. Os submarinos britânicos encontram-se nas bases navais da Iugoslávia para não permitirem a passagem de transportes de tropas e abastecimentos e para atacarem, em colaboração com as unidades da marinha Iugoslava, os navios italianos espalhados pelo Adriático. O corpo expedicionário que se encontra na Albânia ficará sob a acção convergente da tenaz greco-Iugoslava não sendo difícil vaticinar o seu futuro próximo. São estas as perspectivas essenciais desta nova fase de operações nos Balcãs.



Soldados iugoslavos, da região de Montenegro, cuja bravura e espirito combativo são tradicionais



Em 26 de Março chegaram à Grécia os primeiros contingentes de forças australianas que no Norte de Africa deram provas do seu excepcional heroísmo



Um grupo de valorosos soldados gregos, na frente de Epiro, numa hora de descanso, com um garoto albanês



Aviadores canadenses desembarcam no Pireu, onde são entusiasticamente acolhidos pela população



Um curioso aspecto do porto de Salónica, debruçado no mar Egeu, na Trácia oriental



Belgrado, capital da Iugoslávia, é uma cidade moderna rodeada de lindos panoramas



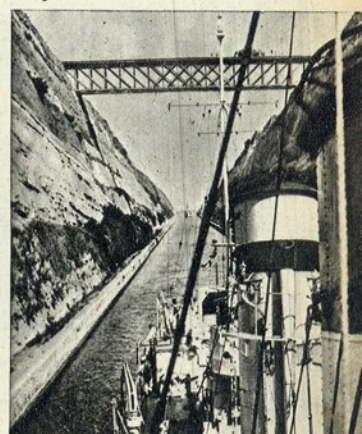
As tropas do general Wavell desembarcam diariamente nos Balcãs, fortemente municiadas



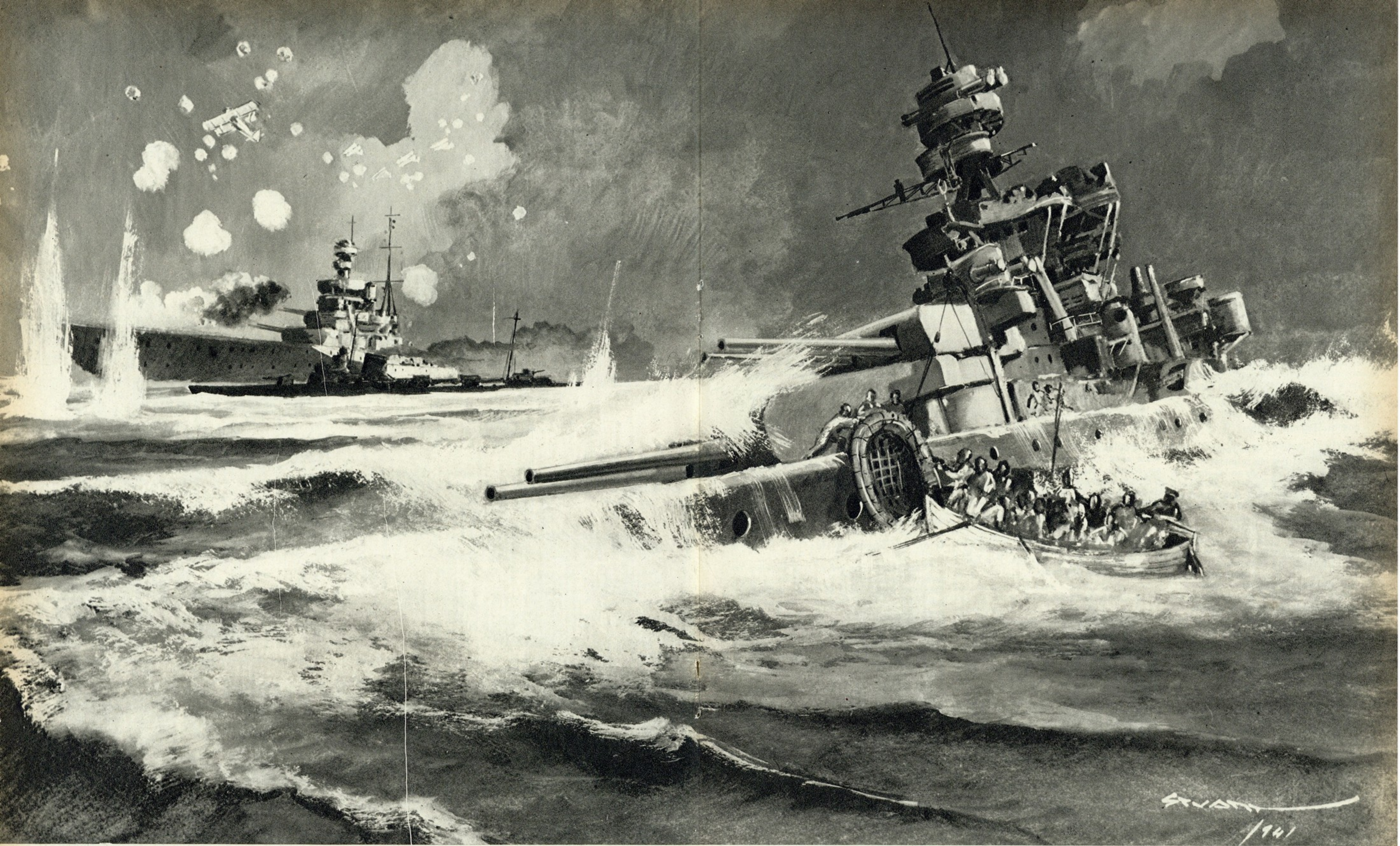
O Rei Jorge da Grécia que dirigiu aos seus exércitos uma nobilíssima proclamação



O rei Pedro II da Iugoslávia, símbolo da nação, cumprimentando os oficiais da sua guarda



O canal de Corinto, que separa a Moreia da Grécia continental



A BATALHA DO CABO MATAPAN. O CRUZADOR ITALIANO «FIUME», BATIDO PELA ARTILHARIA DO «WARSPITE», AFUNDA-SE EM POUCOS SEGUNDOS, O MESMO SUCEDENDO AO «ZARA» E AO «POLA»

No dia 27, uma divisão naval inglesa do Mediterrâneo avista no Mar Jônico, nas imediações do cabo Matapan, uma forte esquadra italiana constituída por um couraçado, três cruzadores e grande número de destroyers e contra-torpedeiros. Durante todo esse dia, esquadrilhas de aviões do "Formidable", atacam os navios de linha causando-lhes graves avarias, o que diminui enormemente a sua velocidade. O couraçado ita-

liano "Vitória Veneto", é atingido seriamente e consegue escapar-se, já de noite, entre a neblina.

A menos de duas milhas, os navios ingleses "Warspite", a bordo do qual se encontra o almirante Cunningham, que dirige a batalha, "Barham", e "Valiant", abrem fogo sobre o grosso da esquadra inimiga. Rápidamente, os cruzadores "Zara", "Pola", e "Fiume", de 10.000 toneladas, são

afundados, bem como os contra-torpedeiros "Maestrale", e "Vicenzo Gioberti", tendo sido provavelmente atingidos mais um cruzador, o "Giovanni Delle Bande Neri", e um contra-torpedeiro.

A esquadra inglesa, que não sofreu qualquer baixa ou avaria, recolhe cerca de mil naufragos italianos e mais recolheria, honrando as suas nobres tradições, se alguns aviões alemães não interferissem. No en-

tanto, avisa, pela rádio, o chefe do estado maior da armada italiana que mande ao local da gloriosa batalha, a maior desta guerra, os socorros necessários e um navio hospital.

Eis a batalha do cabo Matapan — assim ficará gravado o seu nome na História — que os técnicos navais americanos justamente denominaram de "segundo Trafalgar".

Gosta da sua profissão?

“NÃO gosto da minha profissão!”
Ouve-se, às vezes, esta frase, proferida à mesa dum “café” ou dum salão de chá, em conversa amena. Um músico pode gostar da música, mas... a sua carreira tê-lo-à tornado feliz? Um homem que estudou para médico não gostaria antes, por exemplo, de ser lavrador? Não haverá pessoas que exercem a sua profissão com indiferença, por ela não realizar o seu sonho ou o seu ideal?

Ouvimos sôbre o assunto, as opiniões de algumas individualidades ilustres no nosso meio literário e artístico.

São interessantes. Nenhum negou o seu “destino”. Para uns foi vocação ardente, inspirada desde a mocidade; para outros, acaso feliz a que se acomodaram pela existência fora.

Mas é preciso dizer que todos êstes venceram, logo nos primeiros passos — passos certos, definitivos, que os conduziram à vanguarda da vida. Eis a pergunta: *Gosta da sua profissão?*

O que diz Palmira Bastos:



Responde-nos, em primeiro lugar, a grande actriz Palmira Bastos, uma das maiores glórias do teatro português.

— Sim! Amo com fervorosa paixão a minha arte! — disse-nos.

E com um sorriso a bailar-lhe nos lábios, acrescentou: — Mas diga também que não perdi a esperança no ressurgimento do teatro.

Correia Marques conta:

Fomos ao encontro do jornalista Correia Marques, chefe da redacção de *A Voz*. Respondeu-nos:

— Gosto da minha profissão porque estou convencido de que é a única para que sirvo e a única, em boa verdade, adequada ao meu feitio e às minhas aptidões de *Petrus in cunctis nihil in omnibus*.



Terças, ao tempo administrador de *A Epoca* — jornal que perdura na *Voz*. Con-

vidou-me a escrever umas coisas na gazeta — depois se veria o quê. — “O sr. já escreveu em jornais? — perguntava-me o padre Terças. — Pois importa pouco não ter ainda pensado em se era ou não capaz de escrever em jornais. Venha até à *Epoca*... para vêr. Fui. O padre Terças apresentou-me ao chefe da redacção, que era o Mário Martins, como redactor efectivo do periódico: — “o novo redactor em que lhe falei”.

E depois:

— Fiquei um tanto irritado com o despalante de dispôr assim de mim e estive vai não vai para dizer que não, senhor, não queria... Mas a curiosidade de vêr como era um jornal por dentro, prendeu-me. — “No fim do mês despeço-me” — pensava de mim comigo. Pois nunca mais me despedi; de outras profissões, sim, me despedi para sempre. É que a profissão tem êste condão: se a gente lhe serve e estende um dedo, tem logo a mão por completo e depois o braço e todo o ser, tôda a alma de quem se deixou prender.

E, a terminar:

— Por cá fiquei, já lá vai passante de vinte anos. Gosto de jornalismo, por êle ser o que o meu amigo e camarada sabe tão bem como eu: — uma profissão cheia de imprevisto, de gymnástica mental, e, sobretudo, porque nele encontrei uma forma nobre e eficiente de servir as minhas ideias. Eu sou um homem para quem não há posições neutras nem indiferentes. Sou um homem de opinião. O jornalismo permite-me servi-la. Por isso gosto da minha profissão.

Alice Ogando declara:



Alice Ogando, um pouco Colette, perspicazmente miope e ligeiramente irónica, falou-nos assim:

— Creio que seria incapaz de adoptar uma profissão de que não gostasse. Gosto indistintamente de escrever versos, teatro ou romance.

crever versos, teatro ou romance.

E acrescentou:

— É impossível conceber a vida sem poesia; por isso, ser poeta é indispensável para ser romancista, por muito realista que seja o romance que se escreve. Até para bem construir uma peça de teatro é bom ser poeta. Assim pode embelezar-se um pouco a rude verdade da vida sem a máscara da mentira. A poesia, posta ao serviço da prosa, por mais realista que ela seja serve como um “manto diáfano” que atenua os contornos mais agrestes.

Amélia Rey Colaço responde:



Dirigimo-nos ao Teatro D. Maria. A primeira pessoa com quem deparámos foi a ilustre actriz Amélia Rey Colaço, que o público tanto admira.

— Gosta do teatro?

— Digo-lhe tudo em duas palavras:

Gosto, gosto muito. Foi o meu primeiro amor. Aos dezoito anos entrava no palco e era a “Marianela”.

Bourbon e Meneses esclarece:



Bourbon e Meneses, escritor, jornalista e funcionário público diz-nos:

— A profissão de que mais gosto é a de homem de letras.

E após uma pausa, com um sorriso de discreta ironia, que nós compreendemos, antes de completar a frase:

— E a que mai aborreço é a de funcionário público.

O dr. Luís Soeiro revela:

O ambiente é um pouco frio, digamos mesmo “cadavérico”. E’ o Instituto de Medicina Legal, onde se fazem as autópsias. O dr. Luiz Soeiro, o homem da bata branca, respandece de simpatia, de alegria.

A sua mocidade esfuizante e comunicativa contradita a morte:

— Se gosto da minha profissão? como não hei-de gostar se fui eu que a escolhi?! Há mortos que tem

mais “vida” do que os vivos. E até mais beleza!

E prosseguindo:

Revelam-nos o seu mistério, o drama da sua existência ou a claridade espiritual com que entraram no reino das sombras. Não falam e, no entanto, no seu implacável silêncio, dizem tudo... à ciência.

— Se não fôsse médico o que desejaria ser?

— Professor de filosofia numa república da América do Sul.

FAUSTO BONÇALVES



O NEGUS, COM O SEU FILHO, O PRINCIPE MAKONEN, NUMA DAS SUAS VIAGENS Á EUROPA

A CONQUISTA DE ADDIS-ABEBA

EM quatro meses os ingleses concluíram virtualmente a batalha de África. Os efeitos positivos desta operação são evidentes; as suas conseqüências militares incalculáveis.

O Império italiano de África compreendia duas zonas de influência: a Líbia e a África Oriental italiana. A Líbia dividida em duas partes desigualmente valiosas: a Cirenaica, a leste; a Tripolitana, a Oeste. A África Oriental italiana compreendendo três países de grande valor estratégico, económico e militar: a Somália e a Eritreia, na costa do Mar Vermelho, e a Abissínia, em contacto com alguns centros vitais do sistema de comunicações da Gran-Bretanha. A perda destes territórios destina-se a ter não apenas uma importância local enorme mas repercussões excepcionais na marcha geral da guerra.

Foi no dia 9 de Dezembro que as forças motorizadas do general Wavel surgiram em Sidi-Barrani e iniciaram a batalha que, em três meses, devia conduzi-las a Benghazi. Este porto não está a ser utilizado pelos ingleses que têm à sua disposição a base magnífica de Tobruk. Sucessivamente Bardia, Tobruk, Derna, Benghazi, caíram em poder dos ingleses. No começo de Março, estes tinham conquistado completamente a Cirenaica.

Quasi ao mesmo tempo as operações tomaram um incremento excepcional na África Oriental italiana. Dum e doutro lado concentraram-se forças poderosas dispondo de material abundante e moderno. As esquadras e a aviação foram chamadas a desempenhar um papel importante nesta fase da luta. No Mar Vermelho e no Mediterrâneo Oriental houve combates navais favoráveis aos ingleses. Apesar das dificuldades do terreno e do clima, estes conseguiram, numa série desconcertante de operações, isolar o adversário e reduzir o seu potencial militar. Em 5 de Abril a conquista de Addis-Abeba marcou o termo de batalha que só poderá agora prosseguir em episódios destituídos de significação e de influência no conjunto da campanha.

A conquista da Abissínia foi realizada pela acção conjunta de quatro colunas do exército imperial britânico. O general Allan Cunningham comandou as forças que, partindo da Somália, se orientaram no sentido de noroeste ocupando Jijiga, Harrar e Dirédauá; a segunda coluna, constituída por tropas sul-africanas, partiu de Kenya e ocupou Negelli; as forças do general Platt, depois de terem quebrado a resistência italiana em Keren e de ocuparem a Eritreia, dirigiram-se

para o sul, conquistando Aduá; por último, os elementos indígenas, devidamente armados e municiados que se colocaram às ordens do antigo imperador Hailé Salassié, desceram do Sudão e alcançaram Debra Markus. Além destas colunas de grande valor militar, pelos efectivos e material, havia outras de menor importância que actuavam em conjunto com elas, partindo do Sudão, a ocidente, e da Somália, a oriente. O ponto de convergência do seu esforço foi a cidade de Addis-Abeba.

A Eritreia e a Somália têm uma superfície aproximada de 1.200.000 quilómetros e uma população de 15.000.000 de habitantes. A Abissínia ocupa uma área de 800.000 quilómetros com 8.000.000 de habitantes. O total das forças italianas que se encontravam na Cirenaica e na África Oriental andava à volta de 300.000 homens. Dêstes, a maior parte foi aprisionada. Nos portos italianos do Mar Vermelho encontravam-se cinco contra-torpedeiros e alguns submarinos que devem considerar-se perdidos. A recente ofensiva italo-alemã na Cirenaica não parece destinada a compensar os prejuizos que vieram somar-se, do lado italiano, à perda de quasi todo o material de guerra que tinha sido acumulado durante os últimos meses na Líbia e na Abissínia.

LISBOA

aeroporto da Europa

LISBOA, com um magnífico pôrto de mar, o pôrto europeu mais próximo do novo continente e da costa ocidental da Africa, é justamente considerada o cais da Europa — circunstância que as contingências da guerra valorizaram de forma extraordinária.


Mas, pelas suas condições naturais e de clima favorável e pela sua excelente posição geográfica, Lisboa é, também, uma zona de importância excepcional como centro de comunicações aéreas na Europa e intercontinentais.

Assim, Lisboa terá, também, um grande aeroporto, que será, num futuro próximo, o verdadeiro Aeroporto da Europa — ponto de escala obrigatório para as grandes aeronaves das principais carreiras aéreas.

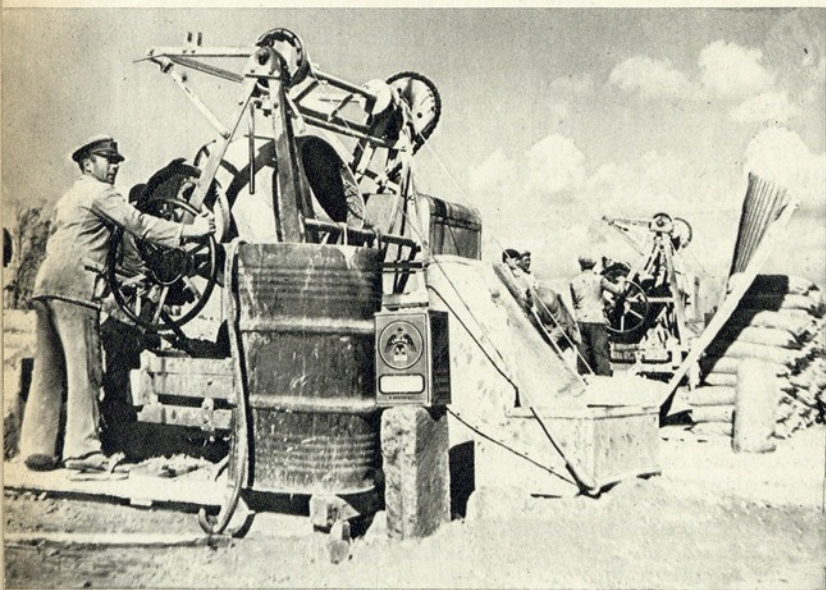
O aeroporto de Lisboa, em construção na Portela de Sacavém, constitui uma das grandes realizações da política construtiva do Estado Novo, empreendimento notável, a que andam ligados os melhores esforços da edildade.

O Município, que há muito estudava o problema do aeroporto da capital, ficou com o encargo da comparticipação de 50 por cento nas despesas a efectuar com o projecto e obras do campo de aterragem, aquisição de terrenos, edificações e outras, estipulado no decreto promulgado em 1928, quando o Governo se propôs tomar em realidade essa grande aspiração.

Sem demoras que não se justificam para a rápida execução de uma empresa de tal monta, tudo se resolveu e começou a executar-se a tarefa inicial, feita a aquisição dos terrenos, foram demolidas várias construções



sobre este quadriculado de ferro, devidamente cimentado, que assentam as grandes fachas de rolagem do aeroporto



O cimento amassado com brita sai destas máquinas, que têm devorado toneladas destes materiais



O chão é perfurado como se fôsse um poço artesiano para a colocação de grossas espigas de ferro



Na planície enorme, os trabalhos desenvolvem-se grandiosamente. Abrem-se já as fundações para a gare aérea



Uma das perspectivas do aeródromo depois dos trabalhos de terra-plainagem. No primeiro plano, dois operários carregando brita

em volta do local destinado ao aeródromo, principalmente na estrada de Sacavém e nas azinhagas da Portela e do Poço do Cortês. Os estudos do terreno, dos ventos e outros trabalhos técnicos foram feitos por engenheiros especializados, no espaço de dez meses. Houve que remover um milhão e trezentos mil metros cúbicos de terra e nessa gigantesca tarefa e nos trabalhos de terraplenagem trabalharam potentes máquinas niveladoras, com a capacidade de 900 metros cúbicos e puxadas por tractores de 95 cavalos. Depois, iniciaram-se os trabalhos de construção e, mais uma vez, os operários portugueses, chamados a colaborar na obra de reconstrução nacional, demonstraram a excelência das suas aptidões, a par da competência dos técnicos e seus dirigentes.

Vejam, numa rápida nota de reportagem, o que será, no seu conjunto, o grandioso Aeroporto de Lisboa, cujas obras avançam rapidamente e quasi se aproximam do fim.

O Aeroporto tem quatro pistas excelentes, onde os aparelhos poderão aterrar com todos os ventos. Com a extensão de 1.200 metros, cada uma, foi prevista, no entanto, para uma delas, em caso de se tornar necessária, para a aterragem sem visibilidade, uma extensão de dois quilómetros. A largura total de cada pista, incluindo uma faixa central, pavimentada, de 50 metros, e duas laterais, simplesmente relvadas, de 100 metros, cada, é de 250 metros. Foi estabelecida uma vala de cintura para proteger o campo das águas fluviais escoadas dos terrenos em redor ou para dar vazão às águas dos colectores das redes de drenagens. Foram, também, instaladas redes de drenagem de superfície do campo rel-

vado e preparou-se o enxugo das pistas e zonas das instalações. A pavimentação das pistas, estudada de acordo com a natureza do revestimento do solo e em atenção ao peso dos aparelhos — alguns deslocando 15 a 20 toneladas — obedece a um tipo de coberturas, constituído por um empedrado a macadame, assente sobre uma camada de areia e revestido de betão.

A instalação luminosa do grande Aeroporto será fortíssima: um farol de localização e identificação do aeroporto; luzes de sinalização dos obstáculos; de delimitação do campo; de aproximação e contacto; sinais indicadores da direcção e velocidade do vento; de autorização e interdição de aterragem; projectores para iluminação do campo; projector e visor para determinação da altura das nuvens e sinais para autorização e interdição de levantar voo. Todo este sistema eléctrico será dirigido da torre do comando, a distância. Há, ainda, a instalação rádio-eléctrica, com estações emissoras e receptoras, radiogoniómetros e aparelhagem diversa que orienta os aparelhos no ar e lhes facilita a aterragem, em período de deficiente visibilidade. Tudo perfeito, como se vê.

O edifício da aero-gare de Lisboa, como um símbolo da vida moderna, ficará ao cimo de uma praça que limitará as estradas de acesso ao Aeroporto. Terá dois pisos e ocupará uma área de 1.000 metros quadrados ou maior.

A uma distância de cinco quilómetros do centro da cidade e de três do aeroporto fluvial, com modernas e amplas avenidas de acesso já construídas, o Aeroporto da Portela de Sacavém será no futuro a grande estação do tráfego aéreo internacional.





Um dos mais lindos pórticos de Lisboa, o Arco de S. Vicente, com a sua nobreza secular e patriarcal



Um jardim cheio de sol. Ao fundo, as obras de Santa Engrácia que um dia será panteon real

Qual o sítio mais bonito de Lisboa?

Responde o dr. Alberto Mac Bride

Alberto Mac Bride, grande nome da medicina portuguesa, é um apaixonado de Lisboa. Culto, erudito, sensível à beleza, deve-lhe a cidade algumas curiosas ideias de expressão artística, que muito têm contribuído para a harmonia da sua estética, e vários estudos que revelam o seu profundo saber. Nos escassos vagares da sua nobre profissão, quando pousa os bisturis e despe a bata branca enfrota-se nos arquivos do hospital de S. José, que são um documentário precioso da vida e dos costumes da cidade através dos tempos, e nos quais se encontram preciosos elementos da pequena história. O sr. dr. Alberto Mac Bride, que muito honrou a ciência portuguesa na primeira guerra europeia, trabalhando nos hospitais da frente, distingue-nos hoje com a sua opinião. Et-la:

Quem do largo de S. Vicente, meter ao Arco Grande, depara com o mais lindo sítio de Lisboa. Logo à direita sobre a rua estreita eleva-se na sua sóbria arquitectura a igreja do mosteiro e de repente transposto o Arco abre-se à vista um vasto espaço de contornos indecisos, que não se sabe se é largo, se é praça ou terreiro, a desdobrar-se em declives macios até acabar num fundo de agurela que é o mar da palha. Como lhe vai bem a designação de Campo. Campo de Santa Clara. Diz-so-ia que o acaso quiz que a obra dos homens não pretendesse corrigir o pitoresco da natureza. A geometria da regia municipal



O campo de Santa Clara tem recantos pitorescos como este, agurela citadina ainda por pintar

respeitou o pendor da colina, tôda talhada em planos até ao rio, sem sacrifício das perspectivas, que conservadas dão ao local a sua grandiosidade pela valorização dos edifícios, que no seu agrupamento constituem porventura o maior conjunto monumental de Lisboa. S. Vicente, a dominar ao alto com a massa imponente das suas linhas clássicas, mais abaixo e mais recolhida, a obra de Santa Engrácia, ruína abandonada e estranha, de muros destrocados, revestidos de uma «patine» negra, como de protesto contra a sua actual e vil utilização e que com o «Conventinho do Desagravo», são a parte triste e melancólica do sítio, oposta à da graciosa fila de palácios do século XVIII, de frontarias nobres, muito brincadas e lustrosas voltadas para a amplitude do

Tejo, aqui mais que rio, antes-quieto lago de mansas águas. E indistintamente espalhados, numa combinação feliz, mais palácios, o edifício pombalino da Fundação, pequenas casas humildes com janelas floridas, a lembrarem Alfama já velhinha, um jardinzinho discreto, uma alameda e sempre a moldura do Tejo, tão grande, tão calmo e sobretudo tão diferente do que os nossos olhos estão habituados a ver. Mas o maior encanto dêste cenário incomparável pelo seu poder de evocação do passado, o que mais o enriquece é a luz que o ilumina, uma luz doirada, reflectida da imensa camada de água, uma luz muito branca e de muito suave doçura, a que tudo resplandece, uma delícia para os olhos na contemplação do mais lindo sítio de Lisboa.

FIGURAS E FACTOS



A chegada dos Condes de Paris a Lisboa



O sr. Presidente do Conselho depois de passar revista ao batalhão que embarcou para os Açores, despede-se do respectivo comandante



Os soldados do batalhão expedicionário, com o equipamento completo, embarcam para os Açores



O novo ministro do Panamá em Lisboa, à saída do Palácio de Belém, quando foi entregar as suas credenciais ao Chefe do Estado



O dr. Alekne, no decorrer das sessenta partidas simultâneas de xadrez que jogou no I. S. T.

A CADEIRA DA VERDADE

QUANDO o Doutor Amílcar Ramada Curto, aqui há bons anos, escreveu e deu a representar uma ironia cáustica, em três actos, chamada «A Cadeira da Verdade», não pensou no mesmo em que nós pensávamos hoje, ao parafrazearmos o título para esta reportagem.

Caremos nós que, para as elegantes cidadinas, a verdade, — se, alguma vez, pactuam com ela... — reside efectivamente, não numa cadeira esotérica e mágicamente construída que as obrigue a dizê-la, mas nas cadeiras várias em que o dia fútil se lhes distrai e monotoniza, ao mesmo tempo.

Porque a Mulher da cidade, sem trocadilho nenhum, «fala de cadeira»... E mente menos, então... (Parecendo o contrário, isto é optimismo e galanteio: dizemos que Ela raro exprime mentiras, senão nos silêncios...)

As cadeiras do Lar não contam, para este efeito; há certo «simile» entre os móveis e os santos-de-casa: não fazem milagres...

Os sofás das famílias amigas onde vão de visita, — ainda pior! A Verdade, a tal nuasinha que safu do poço, fica sempre no patamar, de pé e à espera, para os comentários tesourantes de quando as damas ssírem e a porta se fechar...

As nossas «cadeiras-da-Verdade» (as nossas, não; as d'Elas...) são outras, públicas, comuns, — íamos a escrever «democráticas», embora algumas sejam caras como o fogo...

A cadeira do cabeleireiro, complicada como a «elétrica» yankee... A do dentista, com aquela prateleira de vidro, em frente, cheia de frascos e cadinhos e ferros delicados... O «fauteil» de cinema ou de teatro... A cadeirinha — que não se parece nada com a liteira avoenga... — junto à mesa da Casa de Chá, pejada esta de cremes-chantilly e folhados que os dentinhos, fucados pelo dentista, mordiscam enfatiadamente, depois dum «quick-step» e antes dum «slow»...

... Para algumas costureirinhas antiquadas, é ainda «cadeira-da-Verdade» o banco de jardim camarático onde falam com o seu rapaz. (Para ele, é que nem sempre...) A's vezes, elas tentam matar-se — palavra! Ainda as há... — e fazem, do pobre fogueiro e do postigo calafetado, a sua mais solene jura. (Última visão, antes de vir a morte ou dos vizinhos escavacarem a porta: — o banco do jardim, às faxas encarnadas, como a gravata d'Ele...)

Outras da mesma idade e melhor razão — ou menor beleza — estudam as cadeiras de cursos, na mira duma independência que nem sempre chega...

E em tôdas, tôdas — cadeiras de ondular, de protésico, de espectáculos, de pastelarias, de ar livre ou de salas sábias — a Mulher é mais «ela própria», no jeito convencido de dar dinheiro por supérfluo; de ser chamada «Madame» por homens de mãos mornas que lhe torcem os cabelos; de ouvir convites — «Faça-me o favor: volte amanhã!» — da parte do dentista que tirou um bocadinho de massa branca do queixal e pôs lá outro bocadinho mais fresco; de só discutir, em filmes e peças, o bolero de chinchilla que traz a Lottera ou o vestido negro da Brunilde; de tasquinhar sem apetite e valsar mecânicamente; de namorar; de estar desatenta — ou cheia de atenção ao colega do lado...

E falar, falar, falar sempre — até no consultório, com a bôca aberta e ferriños lá dentro! — falar de mil coisas que não mereceriam palavra, mas que são as únicas a interessá-la, para as discutir... de cadeira.

As doentinhas, beijadas pela neve das montanhas, alongam-se em camitas de repouso.

As camponezas — que mondam, sacham, ceifam e varejam oliveiras vivem de pé!

E um estatutário, para a Verdade simbólica, não acharia melhor atitude, — apesar de tôdas as Cadeiras... — do que alguma destas duas: a de lutar pela Vida; repousando, porque a Moléstia adejou, — ou labutando, porque todo o viver, para bem, há-de ser Sementeira antes de tornar-se Colheita!

R. de M.



A «cadeira eléctrica»... da beleza



Uma «cadeira» onde nunca se fala verdade



No exame. A cadeira da tortura



AO SOL DA LEZÍRIA

DEVE ter lido a História de Portugal de Oliveira Martins aquê «caballista» andaluz que veio «acosar» ao Ribatejo e que aos nossos campinos chamava «los beduinos». E não é de admirar que a tenha lido, porque era irmão de Ignacio Sanchez Mejias, o inteligente toureiro que conviveu com Fernando Villalón e outros poetas das marismas andaluzas. «A cavalo, de pampilho ao ombro, grossos sapatos ferrados, górrro vermelho na

— ao Carregado, a Vila Franca, à Golegã, à Azambuja — fornecer-se de mantimentos e, depois, volta para o seu pasto e por lá está até ao sábado seguinte, como uma sentinela perdida da imensa campina» — diz Zacarias de Aça.

Não se aborrece o campino no seu dêtêrro, sempre entretido na faina de cuidar dos toiros, olhando o horizonte no gesto característico que lhe leva a mão aberta à frente, a servir de pala protec-

Fôra disso, ali permanece «nas pastagens tufantes, cuja erva gorda impa de chorume. Manadas de cavalos e bois correm à solta, sob as pedradas e a lança do gaúcho local, de calção azul e sapato de espora, matakôis e barrete verde-rubro, plantado esculturalmente numa cela mourisca, com seu xairrel de pele de cabra» — como Fialho o pinta em «Os Gatos».

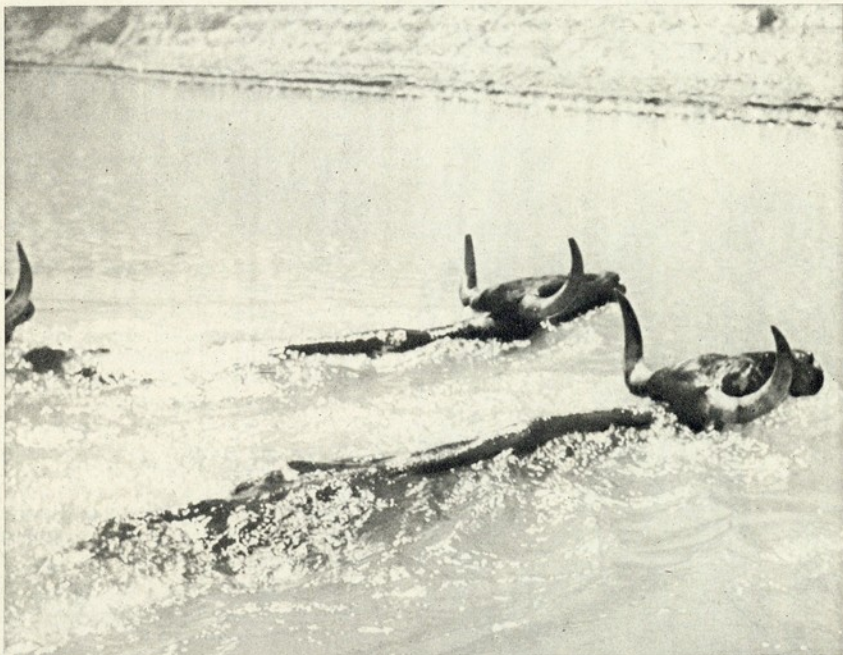
«Aqui e além, manchas verde de milho seródio, salinas de vários tamanhos, valas de pequena largura, éguas em manada, sob as vistas do respectivo guarda, pastando ao lado de pequenos atalhos de gado vacum, em que se destacam os toiros bravos, negros de azeviche» — escreveu Brito Camacho em «Por dêrros e vales».

A vinda do lavrador, com o emprezario ou com o lidador que vem escolher os toiros, quebra a monotonia da vida do campino que, no dia fixado para a corrida, veste o melhor colete encarnado, decorado com a placa metálica do ferro da ganaderia, os calções azuis de botões dourados, as meias caprichosas em que a noiva ou a mulher puzeram seu esmero de agulha, e o barrete do mais vivo verde-rubro. E se há-de recolher a cavalo os toiros que na praça são lidados, leva o seu melhor cavalo, escovado o pêlo que não brilha por ensaltrado, e penteadas as crinas que andam envoltas em pontas de cardos e ervas silvestres.

No campo oferecem os toiros aspectos bem mais interessantes que na arena. Quem nunca os viu pastando, tranqüilos, pacíficos, olhando-nos apenas por curiosidade, tem uma ideia incompleta do que seja um toiro. Obedientes aos campinos, os toiros lançam-se em tão arriscadas aventuras como a de atravessar a nado, numa margem para outra, ribeiras de muito fundo, sem pé. E assim, às vezes pela primeira vez, e confiados apenas no seu instinto, salvam-se da cheia, buscando outro mouchão aonde a água não chega.

E se há festa grande no Ribatejo, para gôsto de forasteiros, e se com os seus iguais doutras casas se juntam em parada, então imitam inconscientemente, com seus pampilhos em dissemetria natural, o quadro famoso das «Lanças» ou da «Rendição de Breda», daquele pintor espanhol que era português por sua mãe, Velasquez da Silva. Assim os viu Horácio Novais, fotografo-artista, como Carlos Relvas e Frederico Bonacho os que melhor viram o campino. Muitos pintores, de Silva Porto a Simão da Veiga, e escultores, de João da Silva a Delfim Maya, souberam dar-nos a representação plástica do campino rodeado dos toiros ou apenas do seu ambiente campestre. E muitos escritores o descreveram — como atrás se verifica — e chegou ao teatro através de «Os Campinos», de Salvador Marques, e à tela em mais dum filme — mas — ai! — não chega o que os poetas portugueses escreveram de tal tema para uma antologia como a que José Maria de Cossio reuniu em «Los Toros en la Poesia Castellana». E isto apesar dos autos de Gil Vicente, que neles tem tantas alusões ao Ribatejo que parece ter lá vivido.

Rogério Pérez



Dois toiros de boa raça, fugindo à garrocha dos campinos, rasgam as águas, numa esteira de prata

cabeça, o ribatejano pastoreando os rebanhos de toiros nas campinas húmidas e vicejantes, é como um beduíno do Nilo» — assim descreve Oliveira Martins os campinos do Ribatejo na sua «História de Portugal».

E Alexandre Herculano comenta: «Quem diria hoje aos habitantes dêste território (o Ribatejo) que êles são os representantes e os sucessores de algumas colônias setentrionais que vieram fundar em Portugal uma nova pátria nos começos do século XIII? E, todavia, nas formas esbeltas, no tronco espadão, no porte orgulhoso do ribatejano, restam bem visíveis os vestígios dessa raça originária que os cronistas pintam como agigantada, robusta e audaz no ânimo e no gesto».

«O toiro corta a lezíria em fúria insana, e o campino cavalga, de pampilho ao alto, marcando o poder dum cetro rural» — escreve o sr. dr. Joaquim Manso.

«Uma vez por semana, vai à povoação

tora para a visão que o espelhismo da lezíria prejudica. E há que vêr, não seja que os toiros se inutilizem nas pelejas que entre si travam, ou que saltem a vala e saiam ao caminho dos viandantes, o que acontece quando feridos ou recém-separados das vacas que disfrutavam em seu serralho. E também estas se enfurecem quando as separam das crias, na altura em que a desmama se impõe. E, além do gado bravo, tem o campino que olhar pelo que o ajuda em seus trabalhos: os cavalos que pastam perto, à boa paz com os toiros, e as éguas — as afilhadas, as alfeiras e as apoldradas — e os poldros, de pêlo hirsuto e carreiras ainda indecisas, em gestos «meninos», como os dos bezerros. E só quando desmonta dá descanso às pernas, desentorpecendo os músculos num fandango vibrante, apoiado no pampilho ou frente à rapariga que topa ao passar no caminho, ou com as da povoação, quando lhe toca lá ir.

Página Feminina

de AURORA JARDIM

PORMENORES DA MODA

- Formam agradável novidade as combinações que se fazem de malha e fazenda — de *lainage* e *tricot* — em tons diferentes mas harmoniosos dentro do actual critério de cores: azul-escuro e vermelho; havano e azul turquesa; fôlha-morta e verde; castanho e amarelo torrado; preto e encarnado; azul e branco. Há quem misture uma terceira cor, mas neste caso, todo o cuidado é pouco para não haver uma nota falsa que destrua a melodia.
- Um vestido de tarde, mesmo que seja de rua, pode ter um pedacinho de *lamé*, uma hipótese de *pailleté* a dar-lhe riqueza e brilho. Como se fôsse uma jóia — no decote ou na cinta.
- As algibeiras volumosas continuam a formar guarnição, vendo-se também nos vestidos de sêda leve, lisa ou estampada. Um pouco abaixo da cinta para não encher.
- A capota «Armée du Salut» com fitas sob o queixo aureola o rosto dando novidade ao conjunto.
- Os véus não são tanto para cobrir a cara. Alguns armam-se na parte de trás do chapéu, vindo a atar na frente como um lenço. As pontas caem no peito.
- Com a primavera surge o *tailleur*. E com êle o peitilho com o qual se obtêm mais variações do que com as blusas. E para um *tailleur* preto, por exemplo, quanta diversidade: Tafetá escocês, cambraia bordada ou com rendas, tecido estampado, ou com pintinhas e riscas, plissados, etc. Estes *plastrons* não devem ter o feitiço de coletes mas sim o de blusas para dar a idéia de que o são.
- As sacas continuam a usar-se grandes. Outras, pequenas, têm o feitiço de canudos. E também se vê, para a tarde, as de malha de prata dourada.

Atenção!

Não deixe fugir o amor!

Você casou por amor e ela também. Depois instalou-se na sua nova situação como em terreno conquistado e tudo se foi transformando em hábito.

E esqueceu-se que a mulher é uma flôr de sensibilidade que se não pode deixar sôzinha e sem sol. Esqueceu-se desta grande verdade que, se não é nova, é eterna: *a mulher precisa de ser conquistada todos os dias.*

Portanto, inquiete-se quando surprender alguns dêstes sintomas:

— ela está acordada de noite. Você vê-lhe os olhos abertos e pergunta: «Em que estás a pensar?» E ela responde: «Em nada»;

— fêz um vestido verde sem pensar que você prefere o azul;

— põe *bigoudis* no cabelo e não se importa que abra as janelas do quarto, logo de manhã, estando desarranjada;

— você chegou tarde e ela não se admirou com a anormal demora;

— não se importa que você ande durante um mês com a mesma gravata e varia de penteado tôdas as semanas;

— dá-lhe bacalhau mais vezes do que o normal;

— fecha o perfume à chave;

— quando vai viajar, ou lhe telegrafa, ou adopta uma caligrafia enorme de formato «enche-papel»;

— já lhe não pergunta com os olhos

brilhantes de ciúme: «para onde estás a olhar?»;

— não se interessa pelo que se passa no seu escritório e se você muda de dactilógrafa, não procura nenhum pretexto para o ir visitar mesmo nessa tarde;

— anda sempre com o telefone atrás dela, procurando qualquer pretexto para sair;

— não repara se lhe falta o apetite;

— gosta de viajar e de ter sempre convidados;

— passa horas a ler;

— antigamente dizia: «Gosto de ti».

Agora pergunta: «Gostas de mim?»

SAIBA COMPRAR

A saca

O belo box é macio e liso. O crocodilo de grossas escamas, é mais sólido mas menos elegante do que o fino. O lagarto é eterno. A pele de pôrco não deve ter veias. A de vitela, envernizada, é mais sólida do que o pôtro. O cabrito é ave-ludado.

Roupa interior

Também se usa a de malha. Conhece-se que é boa pelo pêso e pela macieza. O *jersey* barato deve esticar-se antes de comprar, pois tem um *apprêt* que, nessa altura, estala. E' prudente amarrotar a malha; se ficar lisa é boa, se ficar marcada, é de qualidade inferior.

VERDADES

Quando se gosta, há um tempo e uma pessoa do verbo querer que desaparecem: *eu quero.*

A mulher que não é amada é como a flôr que as abelhas desprezam. Tanta ternura desperdiçada!

Há homens que, na rua, deitam às mulheres que passam olhares tão decisivos como se elas fôsem *pan comido* — frase espanhola que é fotografia.

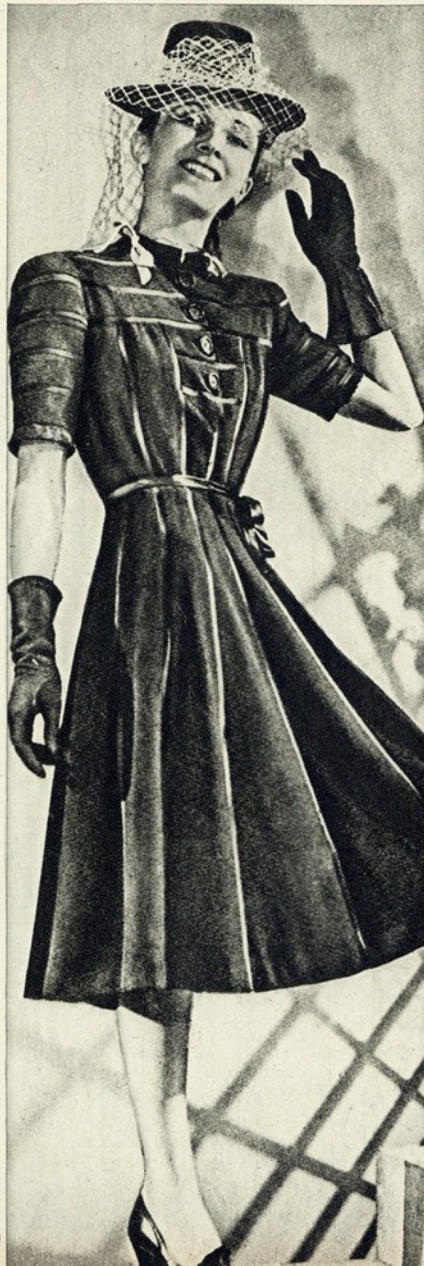
A beleza é a *mise en marche* para as deliciosas complicações do amor.

O telefone encurta as zangas.

Para que juráste, daquela vez, que era mentira?

Escusas de gastar mais juramentos — é como cho-ver no mar.

Durante um chá fala-se e não se diz nada. É preciosa a palavra que define este momento: *smalltalk*



Lindo vestido de lã preta com incrustações de cetim Canotier de palha preta com grande véu encarnado

Sport



Sôbre o cabeçote da hélice a mascote da escola domina o aeródromo

A Aviação Desportiva em Portugal

Previra-se, muito antes de 1 de Setembro de 1939, o papel que a aviação desempenharia num possível conflito. Estudaram-se e revelaram-se, em milhares de publicações, os excepcionais recursos da arma aérea. A guerra confirmou-os. Mas, se um soldado se familiariza facilmente com uma espingarda ou com uma metralhadora, com uma peça de artilharia ou com um tank, não domina menos facilmente um aeroplano. O "mais pesado do que o ar", é um veículo delicado em que o homem se transporta num meio diferente daquele em que se desloca habitualmente e ao qual deve adaptar-se para que êle e a máquina formem um conjunto homogêneo. Só depois de ser bom aviador pode ser bom soldado dentro do seu avião. Quere isto dizer que um piloto — e principalmente um piloto de guerra — não se improvisa facilmente.

Havia, pois, que manter uma reserva de aviadores aptos a cumprir o seu dever à primeira voz. Foi quando a aviação desportiva adquiriu o maior do seu incremento.

A prática da aeronáutica era um desporto caro, acessível exclusivamente a indivíduos com largos recursos financeiros. Uma vez, porém, que as nações,

com o intuito de criar uma reserva de aviadores que pudesse ser-lhe útil em qualquer eventualidade, popularizaram a prática dos desportos do ar financiando escolas de pilotagem, facilitando a aquisição de aparelhos, criando, inclusivamente, centros de instrução com carácter mais ou menos oficial, a aviação começou a abranger aquelas camadas para as quais até então constituía um desporto proibitivo.

Assim sucedeu, por exemplo, nos Estados Unidos, onde o governo resolveu abrir escolas de instrução aeronáutica donde saíam anualmente milhares de aviadores seleccionados nas universidades.

Em Portugal, de harmonia com as possibilidades existentes, também se desenvolveu um movimento — a todos os títulos notável — tendente a popularizar a prática da aviação desportiva. Fundaram-se escolas civis de pilotagem que o Governo acarinhou; criaram-se os cursos de oficiais milicianos de aeronáutica e estabeleceram-se subsídios aos alunos brevetados. A mocidade Portuguesa fundou também a sua secção de aviação. Com aviões de fraca potência e pouco consumo, o custo da hora de instrução deixou de ser proibitivo e, se é certo que

um piloto saído desses aparelhos não pode ser um aviador "apto", não é menos verdade que com os cursos de transformação se familiariza facilmente com aviões de maior potência — aviões mais difíceis.

Não atingimos, evidentemente, a perfectibilidade de organização que seria para desejar, nem talvez o momento seja oportuno para se encarar, agora, mais de frente, o problema. O que não há dúvida, porém, é que muito se fez pela aviação desportiva do nosso país, se olharmos aos recursos económicos de que se dispunha e, sobretudo, à insignificante divulgação das questões aeronáuticas entre a Mocidade. A aviominutura, para não irmos mais longe, que era totalmente desconhecida, tem hoje um incremento notável. Ela permite levar os conhecimentos fundamentais da aerodinâmica e do avião propriamente dito às massas escolares mais jovens, facilitando as práticas aeronáuticas futuras.

O caminho está aberto e o horizonte que se estende é suficientemente vasto para que possamos admitir que a aviação desportiva ocupará, em Portugal, o lugar a que tem justo direito.

K.

A SURPRESA

NOVELA DE RODRIGO DE MELLO

ORIENTAVA os seus vaivens nervosos nos sentidos «secretária-soft amarelo» e volta, a ter de rodear parcialmente a desconjuntada mesita central do meu estúdio. (Ninguém me leve a mal o gosto que faço em alcunhar assim o sôto onde leio, durmo a sesta, conservo um gramofone com discos de «bas-fonds», e jogo de cartas). Semelhava ainda maior estatura e mais cultivo físico, visto por mim, numa cadeira molenga e baixa, a alcançar, em menos de cinco passadas, rijas, ora a mesa-de-escrever, onde sempre me bulia na face para cortar papel — ora o canapé — onde alternadamente amassava a murro e corrigia com piparotes a almofada do jarrão com flores inclassificáveis, pintada pela minha irmã.

E falava... falava...

E as mãos — bons certificados para a *manucure* — tremiam agitações, no maquinismo inconsciente de me desarumarem a face, o almofadão e a caixa de madeira trabalhada — que o Narciso abria e fechava de estalo ao passar pela mesa do meio.

Eu estava encantado e gostaria de os outros o ouvirem, os que «nao acreditavam n'ele» e o acusavam de prestar só para

dansar e ser simpático a meninas parvissimas que também só, para o mesmo servem...

É que, no grupo intolerante, péssimista, vencido e literatissimo dos meus amigos mais fraternos, o Narciso — felizmente para ele — destoava. Enquanto nós outros — os cinco mosqueteiros da Inutilidade — ouviamos, ao anoitecer e sem luz, a Damia cantar «*La Guinguette a fermé ses volets*», ou descobriamos na mais miúda componente da «Marcha de Alfama» a Musa comum, por causa de quem trocávamos bofetadas no Café e cortávamos relações durante três dias (sem ela nem sequer ter atentado em nenhum de nós) — o Narciso era sócio do «Gremio Transtagano», jogava o «basket», remava — e ia mais vezes ver «filmes» com o Gary Grant do que com o «nosso» Jean Gabin... Os outros quatro não lhe desculpavam estas blasfêmias; eu invejava-o: gostaria muito de ser como ele — que até ganhava dinheiro, enquanto a minha carta-de-curso dormia no seu esquite cilíndrico de lata, o Lemos — um musico! — não compunha nem tocava, o Gomes não escrevia senão cartas a pedir empréstimos, o Jaime Cunha apeteia hecatombes anárquicas, o Amilcar fóra



riscado da Ordem dos Arquitectos — e todos *sonhávamos*, bebendo cerveja e o fel da vida, sem nos sabermos *oferecer*, nem ir a concursos, nem fazer mais nada do que admirar o Efêmero e o Dissolvente... além de jogarmos o «burro americano» ou o «King» sintético, muita vez a crédito.

Narciso era, além de tudo, o exemplo que nossas famílias nos davam, já que o seu equilíbrio relativo ganhava pergaminhos de absoluto, tão absolutamente desequilibrados elas apavoradas, nos viam ser. Um «rapaz-de-sala», bonito, forte, higiénico, *com horas para tudo*, que vestia bem (o que representava, principalmente, mordaz confronto a Lemos, amarrotado, sempre *duvidoso* de roupa, como uma cama desmanchada em manhã de verão quente...) e apumadamente seleccionava, entre «raparigas-bem», namoricos e passatemplos (censura tácita a nossa birra de amores impossíveis, por Francescas de chinela e Heloíças de chale traçado).

Havia quasi meio ano que ele e a minha prima Maria Fernanda noivavam: (Eis um verbo que lhe deve ser grato a ela, à intragável «Nandinha», com quem não falo desde o dia seguinte ao da sua chegada a casa dos meus pais — vinda da provincia, cheia de arvores genealógicas na cabeça, para aprender... Veterinária!)

Os quatro meus Amigos — as quatro rouquidões que, com a minha, entóam sem eco uma triste «Bohème» — odeiam a vistosa e original Fernanda tanto como eu a desprezo; produziu mesmo, este rancor milagres assim: quando deram conta do derriço, o Amilcar, bom desenhador, esquisitou um par crudelissimo, em caricatura, onde o noivo é que tinha o ramo e

a grinalda... além do corpo e adornos d'um Apis simbólico; o Gomes exprimiu, em poema «hipico», os designios de ventura aos dois «Animaes Nossos Inimigos»; o Lemos massacrout o piano com um «Galope» Nupcial, e o Jaime, insidiosamente, infiltrou-nos, a si-próprio, a mim e ao bom do Narciso, uma borracheira de «Kirsch» mascarada em brindes, ao balcão da «Holandeza».

Pois o que eu estava a escutar, aninhado no maple cor de morango que é luxo do meu sôto, era uma portentosa confidência: Narciso já não adorava, não estimava mesmo já, a emproada estudante; Narciso, o clarissimo e anormalissimo rapaz, amava um *Mistério*. Como qualquer de nós cinco — mosqueteiros da Inutilidade e do Vago — seria competente para amar.

Eu estava encantado — e percebia porque ele perdêra ha pouco a *partida*, mercê d'uma distração, d'um alheamento, tão inverosímeis, que até pareciam meus ou de Gomes.

E deixára sair os outros... E quisera ficar comigo... Percebia agora, eu.

«... Mora lá para o cimo da rua Morais Soares...»

— «Ó diabo!... — acautelei — Não é no cemitério, não? Já andei maluco pela *sobrinha* d'um guarda.

— Estou a falar sério; deva ser uma pequena da sociedade...

— Logo vi. — Conheci-a, como digo, na venda do capacete. Foi lá ao escritório — e achei-a logo formidável: E judia.

— De que modo soubeste isso? Por andar no peditério?... Não é razão.

— Encontrei-a n'essa pró-

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA RÁPIDA DA ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL

Paquete "QUANZA". Sairá no dia 30 de Abril pelas 16 h., recebendo carga e passageiros para:

FUNCHAL, S. TOMÉ, POINTE NOIRE, SAZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOSSAMEDES, CAPE TOWN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE e outros portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeita a baldeação

Importante: — A carga será recebida até às 20 horas do dia 26 e depois desta data até às 18 h. do dia 29 com o aumento de 20%.

Para esclarecimentos e mais informações:

Séde: Rua do Comércio, 85 — telef. 2 3021 [6 linhas]
LISBOA

Sucursal: Rua Infante D. Henrique 73 r/c. — Tel. 1 434
PORTO



SEMPRE COM DORES DE CABEÇA SEM SABER PORQUÊ?

Sente-se acabrunhada, deprimida e não sabe porquê? Cheia de sono à hora de levantar? Pronta a deitar-se antes de tempo?

Sinais de prisão de ventre.

E' possível que julgue ter as suas funções intestinais regulares. Muitas pessoas que evacuum com regularidade, eliminam incompletamente. Nos intestinos, ficam resíduos venenosos, que se espalham pelo sangue. Há um bom remédio para estes estados, e que é recomendado por milhares de médicos. São os Sais Kruschen. Não há nada melhor, que pitada de Kruschen. Esta «pequena dose» contém precisamente os sais minerais, que são necessários ao bom funcionamento intestinal. Os venenos são expulsos do organismo e a saúde acentua-se dia a dia.

A pitada de

KRUSCHEN

basta para que se sinta optimamente

Toma-se com o chá ou em água quente. Kruschen vende-se em todas as farmácias, a 17\$00 e 10\$00 esc. o frasco.



Tem tomado muitos remédios para o estômago, mas tudo sem resultado?

O mesmo sucede a muitas pessoas que sofrem de indigestões, azia, flatulência, etc., até ao dia em que se resolve a experimentar as Pastilhas Digestivas Rennie.

Depois das suas refeições, tome duas Pastilhas Rennie. Verá como os resultados da sua decisão se manifestam de forma pasmosa. Passam-lhe as dores, a azia, a flatulência e o mau estar, fazendo-se a digestão sem o sentir.

As Pastilhas Digestivas Rennie contêm anti-ácidos que neutralizam o excesso de ácidos absorventes que acabam com os gases e fermentos que facilitam o trabalho digestivo, tornando-o insensível. As Pastilhas Rennie chupam-se como qualquer caramelo, não necessitam de água para serem tomadas, e, assim, a própria saliva serve de veículo aos seus componentes que chegam ao estômago sem perdas de actividade. Duas Pastilhas Rennie bastam, geralmente, para acabar com as dores de estômago em cinco minutos. Vendem-se em todas as farmácias a Esc. 6\$00 os pacotes de 25 e Esc. 20\$00 os de 100 pastilhas.

UMA OPINIÃO

O CARÁCTER INGLÊS

Um artigo incerto na secção «Política - Economia - Ciência», do «*Blanco y Negro*», n.º 2.227, de 18 de Fevereiro de 1934, busca dar sintomas diferenciais e peculiares do povo inglês, exprimindo-os assim:

«Os ingleses procuram, de preferência, as qualidades de carácter. O «carácter», é a concepção típica da inteligência colectiva britânica, o factor essencial nas relações entre as distintas partes do Império, os próprios mantenedores da luta do comércio inglês nos mercados mundiais, graças ao qual a marca *made in England* adquiriu fama e confiança entre gentes dos mais distantes rincões do globo.

«Este requisito impressionante: seriedade, tenacidade e rectidão de carácter, constitue o fundo da vida inglesa e torna-se factor indispensável para toda a classe de conquistas no terreno político.

pria noite no «São Luiz» acompanhada por uma senhora de idade. Falei-lhe no intervalo e — sabes como eu sou — dei-lhe a entender que a acompanharia. Aceitou com naturalidade; mas, à porta, estava um aspirantesinho à sua espera... Não nos apresentou, não mostrou *ligar-lhe* nenhuma durante o caminho que fizemos a pé todos os quatro...

— Livra! São judias, não há que ver...

— Estava uma bela noite. Quando lá chegámos acima, a casa d'ela — uma rica vivenda, por sinal — morria já pela Judith e ouvia-a repetir-me que eu era uma simpática de rapaz.

Houve em mim um pigarro-sinho trocista àquela *narcisismo*.

— Conto-te as coisas conforme sucederam.

— Está bem. Mas o aspirante é que me atrapalha... O que é êle na vida da Menina? Ou pertencerá à velha?

— Não sei nada. Quando se despediram, à porta, reparei que êle a tratava por tu. Mas sumiu-se logo e ela veio à janela; conversámos e combinámos ir tomar chá amanhã os dois.

— Interrogaste-a?

— Levemente. Respondeu-me suspiros e reticências...

— Passada uma pausa, mimei certo gesto de *liquidação*: — Queres dizer que a Fernanda...

— Importo-me lá da Fernanda!

— Fixe! — E abanei-lhe a mão numa despedida regaladíssima.

Final a Judith era menos nova do que parecia ao Narciso e — surpresa! — andava em instâncias de divórcio (reclamado pelo marido como é natural).

Quando o confidenciou, felicitizei muito, pela *comodidade*

«O inglês, embora não despreze a maneira de ser peculiar a cada indivíduo consoante a sua nacionalidade, faz do «carácter», o princípio fundamental de todas as actividades nacionais. Como diz muito bem Bernard Shaw, o povo inglês esconde de propósito a sua inteligência verdadeira e notável, à maneira de certos animais, como o camaleão, que toma o aspecto e a cor do fundo sobre que se encontra, como medida instintiva de protecção, tanto ofensiva como defensiva».

Resta-nos contar que o artigo veio assinado por *Benito Mussolini*. E, sublinhar que o mesmo artigo é velho de seis anos apenas... Por sinal que *saiu* com um título curioso e comprido... Éste: «*O optimismo de Roosevelt — é evidente que levantou a moral do povo americano*».

imprevista, o meu amigo apaixonado.

Nos olhos e nas maneiras adejava-lhe, porém, um desencanto que o embelezava.

— Nunca mais quero vê-la. Não possa bem explicar-te... Já estava a gostar d'ela como um doido! Pois, quando me contou aquilo como quem dá a mais prometedora novidade, tive vontade de a socar e fugir... A causa do divórcio — foi o aspirante.

Só lhe faltava chorar, ao Narciso!

Fragmento duma carta que Jaime Cunha me escreveu dum Sanatório de altitude:

«Estimável Virgílio:

O Regulamento interno da Estância aconselha-nos, aos doentes, que escrevamos o menos possível «e só da parte da manhã» (SIC — como as bolachas que eu comia, em pequenito...) Porque abomino Regulamentos e não darei mais notícias, — não chores, que também *vais!* — esta é a quinta carta que escrevo, madrugada alta e com febre também alta, para ai. A primeira foi para o Narciso. Bravo e surpreendente rapaz! Nas outras três mensagens fiz aos vossos a *nomeação* aqui repetida a ti: que êle me substitua, porque o merece — e eu *fali*. Que se embebede, e *cultive*, e sofra sempre as paixões impossíveis! Que perca o emprego e o gosto de se vestir para bailar... E que os novos 5 Mosqueteiros miseráveis não tardem a reunir-se comigo no «au-delà» — para alegarmos em corpo no Juízo Final... Assim seja!»

O Jaime durou pouco mais dum mez. E tudo se tem passado, quanto ao Narciso, conforme êle apetecia e aconselhava.



NÃO QUEIRA FICAR NA SOMBRA

Ilumine o seu rosto dando-lhe uma pele nova...

Siga o exemplo de milhares de mulheres que viram abrir-se novos horizontes de Felicidade e Amor, ao usar o **Creme d'Argy**, à base de vitaminas. As rugas desapareceram, a cor indecisa tornou-se fresca e definida, a pele, que era sarrabulhenta, ficou aveludada e atraente.

Os sábios, os médicos descobriram que a pele envelhece ou se estraga porque lhe falta, com a idade ou por deficiências orgânicas, certos elementos alimentares biológicos. O **Creme d'Argy**, preparado segundo o processo do Dr. Charpy, afamado dermatologista de Paris, contém êsses poderosos tónicos, êsses milagrosos reconstituintes dos tecidos dérmicos. Ao fim duns dias, apenas, de aplicação, o efeito é mágico. As senhoras que o usam de dia e à noite — uma fórmula para cada ocasião — ressurgem mais novas 5 a 10 anos. Não há mais peles estragadas, ou com rugas, mesmo que se tenha 50 ou 60 anos.

O **Creme d'Argy** é preparado em dois tipos: **Creme n.º 1**, não gorduroso, (tubo cor de marfim) para de dia; e o **n.º 2** (tubo de cor lilás) como tratamento para de noite.

Faça hoje mesmo uma experiência. Por 4\$00 pode adquirir nas boas casas da especialidade um estojo-reclame, contendo um tubo de **creme n.º 1** (dia), um tubo de **creme n.º 2** (noite) e duas amostras de **Moussine d'Argy**.

Não encontrando, escreva para os Laboratórios d'Argy, Campo 28 de Maio — Lisboa.

CINEMA

O ESTADO E O CINEMA

UM SUBSÍDIO DE 500 CONTOS

POR portaria inserta no «Diário do Governo», foi concedido à Tobis Portuguesa, pelo Fundo do Desemprego, um subsídio de quinhentos mil escudos, que deverá ser devidamente caucionado e achar-se totalmente reembolsado até 30 de Dezembro do ano corrente, por prestações mensais não inferiores a cem mil escudos, a partir de Agosto.

A atenção oficial encheu de regosijo todo o meio cinematográfico, principalmente a nossa pequena zona de profissionais que vinham sentindo amargos efeitos resultantes da crise de paralização dos nossos estúdios, num dos quais já se trabalhava... Por outro lado, o subsídio reveste ainda o mérito de fortalecer a confiança no futuro do cinema português e deixa entrever que marchamos para um campo de realizações práticas.

Estaremos em presença de um plano de acção, que pretenda servir-se, com a máxima amplitude, do cinema, como elemento de propaganda e de educação? Ignoramo-lo. Um facto reconhecemos e que se sobrepõe a todas as considerações: a intervenção das entidades oficiais no desenvolvimento do cinema português, que, há muito, marcou uma autonomia de expressão e de técnica. Criou-se uma indústria, devidamente apetrechada, com a sua célula maior no Lumiar. A época tumultuária, pelo menos, de desorganização aparente, já lá vai... Aos primeiros momentos de improvisação, de resto inteligente, sucedeu-se uma severa disciplina de orientação e de execução. O que noutro país qualquer, como o nosso, levaria anos, em Portugal, por milagre de adaptação fez-se num tempo que bem pode ser classificado «record». A nossa produção reveste-se, já, de aspectos curiosos. Caminha para a perfeição mas não pode ser, em poucos anos, igual às melhores, se ponderarmos no esforço de outros centros cinematográficos que, a-pesar-de terem o dobro e o triplo da existência, ainda não acertaram o passo...

Nós, felizmente, já ultrapassámos esse período. Marcámos a nossa posição cinematográfica. Imprimimos-lhe características nacionais. Criámos regras de trabalho e uma falange de profissionais conscientes...

Os últimos filmes têm sido feitos com método, seriedade, organização e disciplina. Isto significa que o cinema representa uma força enorme. O reconhecimento desta verdade, que se nos afigura incontestável, vai-se fazendo, com o decorrer dos tempos, através dos povos — e dos governos que os dirigem.

António Lourenço

NOVOS FILMES PORTUGUESES

«Os Lobos da Serra».

Regressou há dias a Lisboa, depois de um intenso período de trabalho em vários locais da Serra da Estrêla, a equipa da filmagem de «Lobos da Serra», nova produção de Jorge Brun do Canto, para a To-

bis Portuguesa. As cenas ali realizadas, dentro dum majestoso cenário de neve, figuram, no filme, como ocorridas na Serra da Peneda, que é onde a acção virá, depois, a ser localizada... para o público.

Embora tenha um carácter regional, «Lobos da Serra» não



Uma imagem da celebre super-produção colorida «A Batalha do Ouro», com Olivia de Havilland (a protagonista de «Robin dos Bosques») e George Brent, um dos mais prestigiosos artistas da tela americana



Uma das mais empolgantes cenas da espectacular super-produção de Alexander Korda. «O Ladrão de Bagdad», com Sobu, Conrad Veidt, June Duprez e John Justin

deve ser incluída no género «saioio». A história tem características diferentes que serão expressas, no filme, segundo novas forças de expressão e de sugestão dramáticas. A acção decorre numa vila do Norte, próximo da fronteira, entre gente de poucos meios, que tenta resistir à tentação, do contrabando. A filmagem dos interiores prossegue num ritmo consolador, graças à Tobis, que tem feito frequentes aquisições de material para aumentar o seu potencial iluminante. Esta decisão é tanto mais para louvar quanto é certo que facilita, grandemente, a tarefa de Brun do Canto, que, assim, poderá filmar, dentro deles, em qualquer momento. Os primeiros resultados, desta feliz orientação, estão à vista: cerca de um terço da película já se encontra concluída, o que faz prever que, antes do fim deste mês, as filmagens de Lisboa sejam dadas por findas... Nas últimas cenas têm tomado parte Maria Domingas, António de Sousa, Ema de Oliveira, António Silva, Manuel Santos Carvalho e Armando Machado.

Um documentário sobre a Exposição e Festas Centenárias

Encontra-se ainda em montagem, nos laboratórios da Lisboa-Filme, um documentário, de larga metragem, realizado por António Lopes Ribeiro, sobre a Exposição do Mundo Português e algumas festas das comemorações centenárias. O filme teve como colaboradores, na parte fotográfica, Octavio Bobone, Artur Costa de Macedo e Manuel Luiz Vieira. É digna de elogio a iniciativa de se rixar num filme muitas das maravilhas e episódios que assinalaram a comemoração de uma grande obra de consolidação e projecção de um regime que singra,

com galhardia, entre as dificuldades de uma hora dramática do velho continente.

«Ala, Arriba!», novo filme de Leitão de Barros

Com a próxima realização de «Ala, Arriba!», Leitão de Barros regressa à actividade filmica. Dispondo agora de recursos mais amplos, todos confiam em que na obra que vai empreender e que tem sido carinhosamente estudada, nos possa dar a medida justa do seu talento. Os trabalhos de filmagem devem começar dentro de poucos dias. O argumento e os diálogos são da autoria do brilhante dramaturgo Alfredo Cortez, que certifica uma história, poderosa de emotividade e nimbada duma alta expressão católica, sobre os costumes, leis, hábitos e tradições dos pescadores da Póvoa de Varzim, que ainda hoje conservam o mesmo foral concedido, em 1112, aos povos marítimos de que os «poveiros» são hoje os lídimo representantes. Essa preciosa herança está contida num código de «regras», que fazem lei entre eles e os colocam à parte dentro da família portuguesa.

«Ala, Arriba!» evocar-nos-á, entre outras, as seguintes cerimónias tradicionais: o tribunal dos «homens de respeito», o fabrico da rede de noivado, o casamento junto às campas dos «mortos do mar», as suas festas folclóricas e a procissão da Assunção na praia. O desempenho, como já referimos, é inteiramente confiado a «poveiros».

A equipa de Leitão de Barros é constituída por Artur Duarte, Fernando Frago, que colabora na planificação e Rui Coelho, na direcção musical. A parte fotográfica está a cargo de Salazar Diniz, Octavio Bobone e Ferreira da Fonseca, precioso elemento portuense.

OS VELHOS AMIGOS SÃO OS MELHORES



A Portugal — o mais antigo aliado da Grã-Bretanha — a Grã-Bretanha oferece os meios de transporte mais modernos. É natural que a Grã-Bretanha continue a manter os serviços para Portugal e vice-versa durante esta guerra — a maior da história — estreitando desta arte os laços que sempre uniram estas duas nações. A viagem de Lisboa a Londres leva somente poucas horas. Transportam-se passageiros malas e frete. Viagem de avião — é rápido, confortável e conveniente — e reflete a importância de V. S. e do seu negócio

A passagem simples é de 2.750 escudos. Demais informações do representante da BRITISH OVERSEAS AIRWAYS, a/c James Rawes & Co., Rua Bernarđino Costa 47, Lisboa; E. Pinto Basto & Cia. Ltda., Avenida 24 de Julho 1, Lisboa e todas as agências de viagens importantes

BRITISH OVERSEAS AIRWAYS



MUNDO GRÁFICO



Aviadores alemães
cujos
aparelhos foram
derrubados pela R. A. F.
são conduzidos
para um
campo de concentração